



X CIPFP

Congresso Internacional de
Filosofia e Psicanálise

**Entre a *trama* e o *movimento*:
para onde vai a Filosofia da
Psicanálise?**

MANUAL DO PARTICIPANTE

Sumário

APRESENTAÇÃO 07

X CIFIP - Congresso internacional de Filosofia e Psicanálise 08

PROGRAMAÇÃO 12

Segunda-feira 13
Terça-feira 13
Quarta-feira 14
Quinta-feira 14
Sexta-feira 15

COMUNICAÇÕES 15

1.1 MESA: PSICANÁLISE LACANIANA E FILOSOFIA

As implicações entre filosofia e linguagem no ensino lacaniano dos anos 1960 16
Izabela Loner (UNICAMP)

Sobre o conceito de inconsciente: Lacan, Lévi-strauss e Kant 17
Luiz Fernando de Oliveira Proença (USP)

Lacan e sua metodologia estético-cinematográfica: epistemologias para o futuro da filosofia da psicanálise? 18
Ney Alves de Arruda (UFMT)

Um diálogo entre Ricoeur e Lacan acerca da esperança e o real 19
René Dentz (PUCMG)

1.2 MESA: PSICANÁLISE, RELIGIÃO, MORAL

A religião frente ao desamparo do sujeito contemporâneo: considerações entre Freud e Feuerbach 20
Carlos Alberto da Silva (UEM)

Feuerbach e a questão da religião: alienação como mecanismo de uma suposta verdade 21
João Victor Ponciano (UFRJ)

A crítica da religião em Schopenhauer e Freud 22
Guilherme M. Germer (UEM)

Medo, culpa e sede de obediência: o problema da servidão em Freud 23
Tiago Carvalho Lombardi Tosta (UFSCar)

A necessidade dos Antigos e Clássicos na Filosofia e na Psicanálise 24
Gabriel Henrique Leite da Silva (UBC)

Manual do Participante

X CIFIP - Congresso
Internacional de Filosofia e
Psicanálise.

*Entre a trama e o movimento:
para onde vai a Filosofia da
Psicanálise?*

GT Filosofia & Psicanálise -
ANPOF

Sumário

2.1 MESA: PSICANÁLISE, FILOSOFIA E FEMININO

- A sexualidade feminina na perspectiva freudiana: uma revisão integrativa** 25
Mariana Vitor Diniz de Castro (UniTau)
Maria Aparecida Campos Diniz de Castro (UniTau)
- Mas afinal, onde está Mulher na filosofia da psicanálise?** 26
Maria Eduarda Rodrigues da Silva (UFMS)
- Reflexões sobre o corpo: uma interlocução com Freud, Lacan e Plotino** 27
Márcia C. Penteado C. F. Vasques (EPFCL)
- A linguagem adequada ao “objeto” da psicanálise** 28
Thiago Rodrigo Brunassi (UNIFESP)
Ruben Artur Lemke (UCDB)

2.2 MESA: PSICANÁLISE E QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

- The Philosophy of Psychoan(im)alysis** 29
Gisle Selnes (University of Bergen, Noruega)
- Feminist Philosophies of Radical Difference and the Lacanian Theory of Sexuation** 30
Kari Jegerstedt (University of Bergen, Noruega)
- Introdução ao pensamento de Gananath Obeyesekere** 31
José Francisco Miguel Henriques Bairrão (USP-RP)
Arthur Brandolin de Souza Lemes (USP-RP)
- Gananath Obeyesekere e o Símbolo Pessoal** 32
Arthur Brandolin de Souza Lemes (USP-RP)
José Francisco Miguel Henriques Bairrão (USP-RP)
- A contratransferência como enodamento ético-político** 33
Jonatas Tiburtino dos Santos
Véronique Donard

3.1 MESA: LACAN E POLÍTICA

- Alain Badiou e a Cena do Dois: a verdade da diferença** 34
Guilherme Arthur Possagnoli Freitas (UNICAMP)
- Limite e desejo na política: uma interlocução entre a filosofia de Simone Weil e a psicanálise lacaniana** 35
Letícia Kayser (UNISINOS)
Matheus Henrique dos Santos (UNISINOS)
- Noção de lei na interface entre a psicanálise lacaniana e o direito** 36
Izabella Gonçalves Costa Teixeira (UFLA)
- O mau-olhado em Plutarco** 37
Fábio Augusto Rainer Dantas de Mello Silva (Faculdade Anhanguera)
Geovane Guedes de Santana Araújo (Faculdade Anhanguera)

3.2 MESA: RECEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS DE TEORIAS PSICANALÍTICAS

- Por que a Teoria Crítica Precisa da Psicanálise? O Debate entre Autorreflexão e Teoria Pulsional** 38
Paula Mariana Entrudo Rech (UFRGS)
- A recepção filosófica da psicanálise na Alemanha por Carl Müller-Braunschweig** 39
Caio Padovan (UFSCar/Unesp)
- Teoría Crítica y psicoanálisis en Leo Löwenthal** 40
Fabrício Fallas-Vargas (UCR / ITCR, Costa Rica)
- Uma interpretação filosófica da psicanálise freudiana a partir da hermenêutica de Paul Ricoeur** 41
Pedro Henrique Cristaldo Silva (UFMS)
Jhonatan Gabriel Alves da Silva Santana (UFMS)
- O luto como categoria ético-política na filosofia de Judith Butler** 33
Petra Bastone (UFRJ)

4.1 MESA: PSICANÁLISE, EPISTEMOLOGIA, CIÊNCIA

- Arte e Ciência em Freud: Reflexões Epistemológicas** 43
Avair Guilherme Amaral de Carvalho (UFSCAR)
- Considerações teóricas de Estudos sobre a histeria: uma análise lógico-contextual** 44
João Lucas Zanchi (UFSCar)
- Existe uma crise na produção do conhecimento na Psicanálise? Da pluralidade epistemológica a clínica psicanalítica** 45
Bruno Marques Ibanes (UFMS)
- Entre o cérebro e o psíquico, qual objetividade para a psicanálise? Verdade, realidade, ciência e empiria em Freud** 46
Antonio de Almeida Neves Neto (USP)

4.2 MESA: PSICANÁLISE, EPISTEMOLOGIA, CIÊNCIA

- Além do Princípio da Razão: Psicanálise, Metafísica Empírica e a Inteligência Artificial** 47
Marcus Vinicius de Souza Nunes (UDESC/UFSC)
- Método e Realidade: objetividade do conhecimento a partir da psicanálise** 48
Jonathan Postaue Marques (UFMS)
- Estudando o Projeto de uma psicologia de Freud: o problema dos “neurônios-chave”** 49
Samuel Estevão Vieira da Silva (UFSCar)
- Naturalismo e realismo na elaboração da metapsicologia freudiana** 50
Yonetane de Freitas Tsukuda (UFBA)
- À mesa do desejo: da escolha deliberada ao ato desenfreado Michelle Calheiros Lima (UNICAP)** 51
Véronique Donard (UNICAP)

Sumário

5.1 MESA: MARXISMO, MATERIALISMO E PSICANÁLISE

- As injustiças sociais e o neoliberalismo como propulsores para o sofrimento psicológico** 52
Isadora Baldi Pastore (UNISINOS)
- As dobras técnicas do capital** 53
Jefferson Costa (UFRN)
- Revisitando a relação entre psicanálise e materialismo dialético: o diálogo entre Fenichel e Reich** 54
José Henrique Parra Palumbo (UEM)
- Autoritarismo e anialidade: Análise do Caráter segundo Reich e Fromm** 55
Victor Emmanuel Urio (UEM)
- Marcuse: o problema da civilização e a filosofia da psicanálise** 56
Felipe Ravison Paveglio

5.2 MESA: PSICANÁLISE, RAÇA, COLONIALIDADE, INTERSECCIONALIDADE

- O apagamento preto no ensino da psicanálise** 57
Yasmim da Fonseca de Souza Nantes
Elaine Cristina da Fonseca Costa Pettengill (UCDB)
- Profílexia da Alienação Colonial: implicações do pensamento filosófico de Frantz Fanon para a psicanálise** 58
Guilbert Kallyan da Silva Araújo (UFPE)
- É preciso "descolonizar" a Psicanálise? Aportes para um porvir psicanalítico anticolonial a partir da poética de Aimé Césaire** 59
Caio Francisco Azevedo Souza (UNIFESP)
- A construção da identidade social a partir da subjetividade: como uma análise interseccional pode revolucionar a perspectiva de estudo** 60
Carla de Brito Nascimento (UFU)
- Identidade e discurso capitalista: Os laços sociais a partir das relações étnico-raciais** 61
Miguel José Camargo de Jezus (UNICAMP)

6.1 MESA: MASOQUISMO, PULSÃO, CIVILIZAÇÃO

- Masoquismo originário e pulsão de morte** 62
Carolina de Souza Noto (UFSC)
- A pulsão e sua representação: uma investigação do segundo dualismo pulsional freudiano** 63
Gustavo Campassi Salgado (UFSCar)
- Masoquismo e civilização: um exame sobre o masoquismo moral** 64
Helena Zoneti Rodrigues (UFSCar)

Sumário

Pulsão de morte auf einem anderer Schauplatz Inara Luisa Marin (UNICAMP)	65
--	----

6.2 MESA: PSICANÁLISE E FENOMENOLOGIA

Psicanálise e arqueologia: Uma leitura merleau-pontyana Renato dos Santos (PUCPR)	66
---	----

Daseinspsicanálise: fundamentos e práxis clínica Manuel Moreira da Silva (UNICENTRO) Renato dos Santos	67
---	----

A criança vista pelo adulto: em que medida podemos aplicar a Psicanálise aos estudos das relações sociais para Merleau-Ponty Daniel Cardozo Severo (UniTau)	68
---	----

O naturalismo de Freud como uma restrição inicial à aproximação da fenomenologia Cristian Marques (PUCRS)	69
---	----

Encontros entre o olhar, a per(forma)nce e a psicanálise Vivian Maia Reis (UVA)	70
---	----

7.1 MESA: PSICANÁLISE E TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO

O conceito de meio na Psicanálise Desenvolvimentista de Bowlby no Pós Segunda-Guerra Kaira Neder (UNESP)	71
--	----

Corpo e Ego na Teoria do Desenvolvimento Infantil de René Spitz Michelle Vianna Goliath (UFJF)	72
--	----

Apego: Teoria Psicanalítica (?) Richard Simanke (UFJF) Michelle Vianna Goliath (UFJF)	73
--	----

Notas sobre o conceito de Hospitalidade Amanda Malerba (Universität Hildesheim)	74
---	----

O Romance Familiar em Freud e Rank Ana Tércia Rosa Alves (UFMS)	75
---	----

7.2 MESA: PSICANÁLISE E QUESTÕES CLÍNICAS

Em busca da realidade das neuroses Lucas Valiati (UFSCar)	76
---	----

Transferência e figuração: uma possível aproximação Pedro Fernandez de Souza (UFSCar)	77
---	----

A angústia para além das normatividades psicologizantes Antonio Marcos Rosa Leal Fábio Augusto Rainer Dantas de Mello Silva (Faculdade Anhanguera)	78
--	----

Sumário

Reflexões psicanalíticas sobre o suicídio na idade adulta jovem (20-40 anos)	79
Elaine Cristina da Fonseca Costa Pettoengill (UNIGRAN) Heloísa Bruna Grubits (UCDB)	
Eu falo...: materialismo da linguagem e satisfação sexual	80
Davi Dias Ribeiro Arantes (UERJ)	
LOCALIZAÇÃO	81
Mesas e conferências	82
Localize-se no Campus	83
Mapa: Cidade Universitária	84
ALIMENTAÇÃO	86
Restaurantes	87
Bares	88
Cafés	89

Apresentação



X CIFIP - CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E PSICANÁLISE

GT FILOSOFIA E PSICANÁLISE (ANPOF)

O interesse da filosofia pela psicanálise está amplamente documentado na literatura filosófica do Séc. XX. No caso brasileiro, Freud: a trama dos conceitos, de Renato Mezan, e Freud: o movimento de um pensamento, de Luiz Roberto Monzani, são, entre outros, dois exemplos representativos do campo de investigação que denominamos muito particularmente, embora ainda sem consenso, filosofia da psicanálise. Com apenas meio século de existência em nosso meio, a identidade desse campo de pesquisas se encontra cada vez mais consolidada no Brasil, embora os trabalhos sobre sua história, sistematização teórica e metodológica, e sobre seus limites e possibilidades ainda requeiram mais avanços.

Com efeito, parte significativa da consolidação já alcançada está relacionada ao GT Filosofia e Psicanálise, da ANPOF, que há duas décadas de criativa e produtiva existência reúne pesquisadores desse campo e realiza o seu importante Congresso Internacional. O CIFIP (Congresso Internacional de Filosofia e Psicanálise), cuja frequência é bianual, chega em 2023 à sua décima edição, sendo pela primeira vez realizado no Centro-Oeste brasileiro, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, e ao retomar o seu tradicional formato presencial pretende interrogar a origem e destino, a trama e o movimento da filosofia da psicanálise.

O tema da trama/origem e movimento/destino visa a um duplo objetivo: além de promover a reflexão sobre a história do campo, busca também evidenciar os múltiplos sentidos e direções que o constitui, explicitando suas linhas de pesquisas já consolidadas, bem como suas possibilidades de expansão e transformação. Desse modo, o X CIFIP propõe questionar não apenas onde, quando e como surgiu esse campo (no Brasil e no mundo), mas também o que ele representa atualmente, suas consequências e implicações, quais são os seus problemas filosóficos mais relevantes, e principalmente: para onde vai a filosofia da psicanálise?

Trata-se de um convite para pensar os desafios e potencialidades da articulação entre filosofia e psicanálise, articulação que em si abrange uma miríade de relações possíveis, especialmente se levarmos em conta a enorme diversidade das pesquisas do campo, que possui produções advindas de diferentes entrecruzamentos teóricos (psicanálise e epistemologia, psicanálise e política, por exemplo), dos quais, por sua vez, surgem as mais variadas tematizações: arqueologia da psicanálise, análise crítica da estrutura das teorias psicanalíticas, o problema recepção filosófica da psicanálise por diferentes tradições e autores da filosofia, filosofia e psicanálise pós-freudiana (Lacan, Winnicott, demais autores), psicanálise e feminilidade, psicanálise e crítica social, entre tantos outros temas possíveis.

A se realizar na terceira semana de novembro de 2023, o X CIFIP coincidirá, em 16 de novembro, com o Dia Mundial da Filosofia. Esta data foi instituída pela UNESCO em 2005, e desde então é celebrada anualmente em todas as partes do mundo, toda terceira quinta-feira de novembro. Sua finalidade é destacar o valor e a importância da filosofia para o desenvolvimento cultural e individual do pensamento humano.

Esta coincidência nos pareceu bastante fecunda ao permitir-nos associar ao nosso Congresso Internacional de Filosofia e Psicanálise, as ações locais de extensão, realizadas pelo Projeto Ágora (UFMS), Paideia Pantaneira (CEEP Hércules Maymone) e Mídia Ciência (UEMS), para a promoção do Dia Mundial da Filosofia no estado de Mato Grosso do Sul.

Assim, o X CIFIP será também ocasião para celebrarmos o Dia Mundial da Filosofia. Afinal, perguntar para onde vai a filosofia da psicanálise também é uma entre as várias formas de perguntar: para onde vai a Filosofia?

Campo Grande, MS, Brasil

13-17/11/2023

Realização:

GT Filosofia e Psicanálise da ANPOF
UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UEM – Universidade Estadual de Maringá
Projeto Ágora (UFMS)
Paideia Pantaneira (CEEP Hércules Maymone)
Mídia Ciência (UEMS)

Apoio:

FACH – Faculdade de Ciências Humanas – UFMS
Programa de Pós-graduação em Psicologia – UFMS
Programa de Pós-graduação em Psicologia – UEM
Curso de Filosofia – UFMS

Comissão Científica:

Prof.^{ca}. Dr.^a. Aline Sanches (UEM)
Prof.^{ca}. Dr.^a. Ana Carolina Soliva Soria (UFSCar)
Prof. Dr. André Medina Carone (UNIFESP)
Prof.^{ca}. Dr.^a. Carlota Ibertis (UFBA)
Prof.^{ca}. Dr.^a. Caroline Vasconcelos (UESB)
Prof.^{ca}. Dr.^a. Cláudia Murta (UFES)
Prof. Dr. Daniel Omar Perez (UNICAMP)
Prof. Dr. Eduardo Fonseca (PUCPR)
Prof. Dr. Eder Soares Santos (UEL)
Prof. Dr. Erico Bruno Viana Campos (UNESP)
Prof.^{ca}. Dr.^a. Fátima Caropreso (UFJF)
Prof.^{ca}. Dr.^a. Fernanda Silveira Correa (UNESP)
Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca (PUCPR)
Prof.^{ca}. Dr.^a. Janaina Namba Pimenta (UFSCar)
Prof. Dr. João José R. L. de Almeida (UNICAMPO-Limeira)
Prof. Dr. José Bairrão (USP-RP)
Prof.^{ca}. Dr.^a. Josiane Cristina Bocchi (UNESP)
Prof.^{ca}. Dr.^a. Léa Silveira (UFLA)
Prof.^{ca}. Dr.^a. Maria Cristina Sparano (UFPI)
Prof.^{ca}. Dr.^a. Maria Vilela Pinto Nakasu (HCI)
Prof. Dr. Sergio Fernandes (UFRB)
Prof. Dr. Oswaldo Giacoia Júnior (UNICAMP)
Prof.^{ca}. Dr.^a. Patricia Gherovici (University of Pennsylvania, EUA)
Prof.^{ca}. Dr.^a. Patrícia Porchat Pereira da Silva Knudsen (UNESP)
Prof. Dr. Richard Simanke (UFJF)
Prof. Dr. Rodrigo Gewehr (UFAL)
Prof.^{ca}. Dr.^a. Suely Aires (UFBA)
Prof. Dr. Vinício Busacchi (Università degli Studi di Cagliari- Itália)
Prof. Dr. Weiny César Freitas Pinto (UFMS)
Prof. Dr. Wilson Camilo Chaves (UFSJ)

Comissão Organizadora

Prof.^a Dr.^a Aline Sanches (UEM)
Mestra Amanda Malerba (UNIFESP)
Mestranda Ana Tercia Rosa Alves (UFMS)
Mestrando Bruno Marques Ibanes (UFMS)
Prof. Dr. Caio Augusto Souto (UFAM)
Prof. Dr. Cristian Marques (PUCRS)
Prof. Dr. Daniel Cardoso Severo (UNITAU)
Graduado Jonathan Postaue Marques (UFMS)
Doutoranda Izabela Loner Santana (UNICAMP)
Prof. Dr. José Henrique Parra Palumbo (UEM)
Mestrando Leonardo Italo Pessoa Ferreira Gomes (UFMS)
Graduanda Maria Eduarda Rodrigues da Silva (UFMS)
Mestrando Matheus Garcia Nunes (UFMS)
Graduanda Natasha Garcia Coelho (UFMS)
Doutora Munique Gaio Filla (UFSCar)
Mestranda Paula Entrudo Rech (UFRGS)
Graduando Pedro Henrique Cristaldo Silva (UFMS)
Doutoranda Petra Bastone (UFRJ)
Prof. Dr. Weiny César Freitas Pinto (UFMS)

Programação



PROGRAMAÇÃO

Segunda-feira (13/11)

Manhã - Horário 8h - 11h
Sessões Comunicações científicas

Tarde - Horário 14h - 17h
Sessões Comunicações científicas

Noite - Horário 19h - 20h
Abertura oficial
Local: Auditório Marçal de Souza Tupã – Y

Apresentação violão clássico Prof. Dr. Marcelo Fernandes (UFMS)
Mesa Institucional

Noite - Horário 20h
Conferência de abertura (Internacional)
Local: Auditório Marçal de Souza Tupã – Y

Psychè, cerveau, mémoire... affectivité. Quelle est la réalité de l'inconscient?
Prof. Dr. Vinicio Busacchi (Università degli Studi di Cagliari- Itália)
Mediação: Weiny César (UFMS)

Terça-feira (14/11)

Manhã - Horário 8h - 11h
Sessões Comunicações científicas

Tarde - Horário 14h - 16h
Mesa GT Filosofia e Psicanálise I
Local: Auditório Marçal de Souza Tupã – Y

A linguagem do equívoco: traduzir a “Psicopatologia da Vida Cotidiana”
Prof. Dr. André Medina Carone (UNIFESP)

O Projeto de Freud em texto e contexto: uma análise histórico-conceitual
Prof. Dr. Richard Simanke (UFJF)

Pensar filosoficamente a Psicanálise
Prof. Dr. Weiny César Freitas Pinto (UFMS)

Tarde - Horário 16h15 - 17h45
Reunião Técnica GT Filosofia e Psicanálise
Lançamento Identidade visual e Site GT
Assembleia membros GT

Noite - Horário 19h30 - 21h30
Mesa GT Filosofia e Psicanálise II
Local: Casa Quintal Manoel de Barros
Endereço: Rua Piratininga, 363 – Jardim dos Estados, Campo Grande – MS, 79020-240
@casaquintalmanoeldebarros

Sade e a vida clandestina de Benjamin
Prof. Dr. João José R. L. de Almeida (UNICAMP-Limeira)

Tramas conceituais, destinos da clínica
Profª. Drª. Suely Aires (UFBA)

Lacan, Nietzsche e o problema de um suposto sujeito descentrado da Psicanálise:
Perspectivas para o pensamento
Prof. Dr. Eduardo Fonseca (PUCPR)

Quarta-feira (15/11)

Manhã - Horário 8h - 11h
Sessões Comunicações científicas

Tarde - Horário 14h - 15h30
Mesa GT Filosofia e Psicanálise III
Local: Auditório Marçal de Souza Tupã – Y

Considerações preliminares sobre o termo vida em Freud
Profª. Drª. Ana Carolina Soliva Soria (UFSCar)

Fronteiras do inconsciente: o problema do dualismo psyché-soma
Prof. Dr. Rodrigo Barros Gewehr (UFAL)

Darwin e a evolução: uma perspectiva da teoria freudiana
Profª. Drª. Janaina Namba (UFSCar)

Tarde - Horário 16h - 17h30
Mesa GT Filosofia e Psicanálise IV
Local: Auditório Marçal de Souza Tupã – Y

Psicanálise e as metafísicas canibais
Profª. Drª. Aline Sanches (UEM)

A imagem e o movimento na metafísica ameríndia e na metapsicologia freudiana
Profª. Drª. Fernanda Silveira Correa (UNESP)

Psicanálise da Filosofia: argumentos, enunciação e enunciados ontológicos na psicanálise lacaniana
Prof. Dr. José Bairrão (USP-RP)

Noite - Horário 19h30 - 21h30
Sessão Lançamento Livros GT Filosofia e Psicanálise
Local: Estação Cultural Teatro do Mundo
Endereço: Rua Barão de Melgaço, 177 – Centro, Campo Grande – MS, 79002-090
@estacaoculturalteatrodomundo

Quinta-feira (16/11)

Dia Mundial da Filosofia (UNESCO) em Mato Grosso do Sul

Manhã - Horário 8h - 10h30
Lançamento do Fórum Estadual de Filosofia e Ciências Humanas de MS
Auditório Bioparque Pantanal

Tarde - Horário 14h - 15h30
Mesa GT Filosofia e Psicanálise V
Local: Auditório Marçal de Souza Tupã – Y

Da epistemologia à história: as mulheres na psicanálise
Profª. Drª. Fátima Caropreso (UFJF)

Identificações de gênero e a reorganização do pensamento teórico-clínico em psicanálise
Profª. Drª. Patrícia Porchat Pereira da Silva Knudsen (UNESP)

Feminino, Pai e Religião: temas de uma trajetória de pesquisa em Filosofia e Psicanálise
Prof. Dr. Wilson Camilo Chaves (UFSJ)

Tarde - Horário 16h - 17h30

Mesa GT Filosofia e Psicanálise VI

Local: Auditório Marçal de Souza Tupã – Y

Tarde - Horário 16h - 17h30

Mesa GT Filosofia e Psicanálise VI

Local: Auditório Marçal de Souza Tupã – Y

Entrecorpos: quando as palavras penetram os corpos

Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Murta (UFES)

Prof. Dr. Ericson Falabretti (PUCPR)

Temporalidade e intercorporeidade na transferência em Psicanálise: uma leitura a partir de Merleau-Ponty

Prof^ª. Dr^ª. Josiane Cristina Bocchi (UNESP)

Pornô, o gozo e a escuta psicanalítica

Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Sparano (UFPI)

Noite - Horário 19h30 - 21h30

Conferência de encerramento

Local: Auditório Marçal de Souza Tupã – Y

The turbulent birth of the other: The trans experience between two deaths

Prof. Dr^ª. Patrícia Gherovici (University of Pennsylvania, EUA)

Mediação: Patrícia Porchat Pereira da Silva Knudsen (UNESP)

Sexta-feira (16/11)

Manhã - Horário 8h - 11h

Sessões Comunicações científicas

Comunicações



1.1 MESA: PSICANÁLISE LACANIANA E FILOSOFIA

Mediação: **Paula Mariana Entrudo Rech**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023 8h15-10h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula: 60414

As implicações entre filosofia e linguagem no ensino lacaniano nos anos 1960

Izabela Loner*

E-mail: izabelalonersantana@gmail.com

Resumo: O começo do ensino de Jacques Lacan foi marcado por uma refundação da psicanálise, enquanto prática e teoria, na função da fala e no campo da linguagem. Com isso, passou parte da primeira década de seu Seminário (1953-1960) reformulando as bases epistemológicas de seu campo a partir de uma mobilização estruturalista da linguagem: coextensiva ao registro simbólico, ela era entendida como um sistema estruturado (com suas leis, regras, funções e relações) e estruturante do horizonte de experiência do falante e, conseqüentemente, da ciência psicanalítica que a ele tematiza. Com a entrada do ensino na década de 1960 é possível perceber o analista levantando e discutindo os problemas de reduzi-la linguagem a esta concepção, passando a indicar também sua determinação real, i.e., além de sua organização simbólica, há o impossível que a interrompe a cada vez e que, nisso, a impede de fechar-se e determinar-se totalmente como um sistema, colocando a contingência de seu funcionamento e a inexistência de qualquer sentido, verdade ou garantia, natural ou transcendente. Essa mudança deu-se pois Lacan começou a formular questões acerca do significado de tomar a linguagem como, por um lado, o transcendental da ciência do inconsciente e, por outro, um registro "ontológico". Inicia-se, assim, uma investigação do que se pressupõe e com o que se compromete ao adotar uma concepção de linguagem totalmente simbolizável (sistemática, toda determinável e fechada) em detrimento de uma interrompida pelo real (aberta e contingente). Neste movimento lacaniano, a filosofia foi uma peça importante: ora como objeto de diálogo, nas teorias particulares de sua história; ora como o discurso que representa a maneira metafísica de tomar a linguagem, da qual o discurso analítico precisa separar-se, criticando-a. Se, para o ensino, essa oposição tem um efeito de precisão do próprio campo, a questão que podemos colocar é como tal avaliação pode ser considerada no campo próprio da pesquisa e da produção filosóficas. Logo, como podemos pensar uma filosofia compatível com essa proposta lacaniana, que "leve a sério" a concepção de linguagem tal como formulada nos anos 1960 e que se deixa perturbar pelo real. Buscando discutir isso, essa comunicação apresentará brevemente a mudança na compreensão de linguagem no ensino lacaniano para que seja possível, então, avaliar e extrair as conseqüências desse diagnóstico feito sobre o discurso filosófico à época em seu Seminário.

Palavras-chave: Jacques Lacan; linguagem; simbólico; real; filosofia.

1.1 MESA: PSICANÁLISE LACANIANA E FILOSOFIA

Mediação: **Paula Mariana Entrudo Rech**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023 8h15-10h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula: 60414

Sobre o conceito de inconsciente: Lacan, Lévi-Strauss e Kant

Luiz Fernando de Oliveira Proença*

E-mail: luizf.proenca@usp.br

Resumo: Lacan afirma na parte II da segunda lição do seminário XI que "é a estrutura que dá seu estatuto ao inconsciente", vinculando aquela noção à do antropólogo estruturalista Claude Lévi-Strauss. Em Lévi-Strauss, por sua vez, em certas passagens de *O pensamento selvagem e das Mitológicas*, pode-se ver certa correspondência entre sua teoria sobre a constituição do real e a doutrina de Kant sobre o esquematismo transcendental, como nesse caso do *Pensamento selvagem*: "deixando-nos guiar pela procura de condições mentais, a nossa problemática junta-se à do kantismo, embora caminemos por outros caminhos que não conduzem à mesma conclusão". Esta comunicação pretende, assim, esclarecer a noção de estrutura em Lévi-Strauss a qual, por sua vez, se sustenta no conceito de esquema de Kant que é apresentado na seção enigmáticamente intitulada "Do esquematismo transcendental dos conceitos puros do entendimento" da *Crítica da Razão Pura* e, deste modo, apontar uma abordagem do conceito de inconsciente de Lacan a partir de uma posição kantiana. Esta leitura, oriunda do esquema kantiano, fornece uma via não substancialista ao conceito de inconsciente como também, ao mesmo tempo, pode furar distinções radicais entre as chamadas estruturas subjetivas e permitir uma chave de leitura da dinâmica dos registros do real, simbólico e imaginário na clínica.

Palavras-chave: Psicanálise. Inconsciente. Estrutura.

* Psicanalista (Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo), graduado em Filosofia (PUC-SP), mestre em Filosofia (UFSCAR) e doutorando em Filosofia (USP).

1.1 MESA: PSICANÁLISE LACANIANA E FILOSOFIA

Mediação: **Paula Mariana Entrudo Rech**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023 8h15-10h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula: 60414

Lacan e sua metodologia estético-cinematográfica: epistemologias para o futuro da filosofia da psicanálise?

Ney Alves de Arruda*

E-mail: neyarruda@gmail.com

Resumo: A questão das metodologias da filosofia da psicanálise pertence à epistemologia dessa atraente tradição de proveitosas perspectivas futuras. É possível que a arte cinematográfica possua viés procedimental compatível com o estudo da cultura psicanalítica. Nesse contexto, o autor em sua trajetória acadêmica tem se dedicado ao estudo do tema desde seu Mestrado em Filosofia na UFSC em 1995/1996, na pioneira disciplina frequentada: “Pesquisas em Direito e Psicanálise”. Avançando para a Estética e Filosofia da Arte, quando de seu ofício docente também em “História da Arte Moderna e Contemporânea” no Curso de Cinema e Audiovisual da UFMT. Objetivos: é escopo aqui: a) observar se a arte cinematográfica informa utilidade epistêmica para a filosofia da psicanálise, b) constatar se os episódios fílmicos podem expressar um conteúdo acessório à cognição psicanalítica, c) identificar se a abordagem do cinema em Lacan se constitui como uma intervenção pedagógica ativa de sua metodologia analítica. Método: utilizou-se a pesquisa bibliográfica habitual e a prospecção de artigos científicos da web, filtrando informações sob uma conduta de apreciação consequente nutrida por uma exegese de natureza crítico-dialética. Assim, lendo os textos, comparando noções, glosando sentidos, cotejando dados, retendo conceitos dotados de coerência dentro da proposta investigativa abraçada mediante opção respeitosa aos ensinamentos de Jacques Lacan. Resultados: foi possível constatar que Lacan cita e comenta aproximadamente vinte e um filmes em suas publicações “Seminários” e “Escritos”. Clássicos fílmicos de históricos cineastas como Buñel, Chaplin, Kurosawa, Fellini, Hitchcock são textualmente explorados em suas aulas magnas de seus famosos “Seminários”. Inclusive muitos filmes também versados em seus densos textos dos “Escritos”. Noções lacanianas fluem materializadas por entre personagens e encadeamentos dramáticos. O que evidencia a versatilidade fílmica adiafora à psicanálise. Assim, uma pluralidade de investigadores operacionalizam essa proximidade epistemológica entre o cinema e a psicanálise. Há diversos autores, dentre eles: McGowan; Alcalá (2019), Milanez (2016), Jimenez (2015), Motta (2013), Rivera (2011), produzindo interessantes artefatos de pesquisa provisionando a psicanálise com trabalhos que fomentam o debate e a pesquisa. Conclusões: pelo investigado até aqui verifica-se que Lacan amava o cinema. Há vários seminários e filmes que sugerem proximidades entre o ano inicial de circulação fílmica e a publicação editorial de seus trabalhos. É como se Lacan procurasse no cinema um subsídio artístico para sua intervenção analítica, dotando-a de uma substância desveladora das incógnitas humanas. Demonstrando assim que o futuro da filosofia da psicanálise passa possivelmente pelas artes, pelo cinema e a Estética.

Palavras-chave: Cinema. Método. Psicanálise.

* Professor da UFMT; Doutor em História (Universidad Pablo Olavide - Sevilha); Mestre em Filosofia (UFSC); Mestre em direito (Universidad de Burgos – Castilla y León).

1.1 MESA: PSICANÁLISE LACANIANA E FILOSOFIA

Mediação: **Paula Mariana Entrudo Rech**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023 8h15-10h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula: 60414

Um diálogo entre Ricoeur e Lacan acerca da esperança e o real

René Dentz*

E-mail: dentz@hotmail.com

Resumo: É à luz de um eixo querigmático da esperança e da liberdade que Ricoeur busca uma aproximação “da maturidade” entre filosofia e teologia. O querigma funciona como passaporte para uma nova inteligência. A esperança é uma espécie de “descentramento”, entre metáfora e parábolas, por um lado, e extravagância das coisas narradas e Reino, por outro. Em O si-próprio no espelho das Escrituras (presente em *Amour et justice*) Ricoeur afirma algo fundamental a partir dessa relação. Se a função do símbolo em Ricoeur é configurar o espaço do significado, o símbolo em Lacan é desvinculado de qualquer questão de significado. Sua função, diz ele, é até mesmo “não significar nada”. Um confronto estreito entre Lacan e Ricoeur em torno desses três temas – o simbólico, o real e o imaginário – é útil para descrever os possíveis obstáculos da representação em relação à interpretação das alegações escatológicas, pois a imaginação em Ricoeur tem fundamentalmente a ver com o poder criativo (poético-metafórico) da linguagem, enquanto a imaginação em Lacan se refere a um efeito de alienação na imagem que, precisamente, dificulta a criatividade da vida subjetiva. A subjetividade construída no início da modernidade possuía seus fundamentos nos conceitos de interioridade e reflexão sobre si mesma. Na Pós-Modernidade, a externalização e a estetização ganham terreno. Em última instância, um genuíno diálogo entre o teológico e o psicanalítico pode resultar no resgate da dimensão relacional, para além da polarização interioridade/exterioridade. A ênfase radical na interioridade resultou em um esvaziamento da noção de solidariedade e contribuiu para a construção de uma sociedade narcísica. A solidariedade é justamente o resquício das interações de afetos, a partir da presença e do corpo, das singularidades e diferenças. A psicanálise alerta para a relação intrínseca e fundante entre corpo e sujeito. Não podemos pensar um sujeito sem corpo, a não ser se adentramos o campo das negações psicopatológicas. De igual modo, não é possível elaborar uma teologia verdadeiramente pós-moderna sem o corpo, o corpo em sua sexualidade, corpo enquanto presença no mundo, encarnação. O esquecimento do corpo e mesmo sua negação, resultaram em uma espiritualidade paranoica e repressiva. Dessa maneira, comumente também se esquece o afeto. Afeto é produzido pelo corpo. “A questão da afetividade é absolutamente crucial para que se possa ficar no mesmo cumprimento de onda dos sofrimentos atuais, já que a intensidade e o excesso pulsional seriam características marcantes desses sofrimentos” (BIRMAN, 2019, p. 22). “Conferir ao corpo e ao afeto um lugar crucial na leitura da subjetividade é também considerar que a prática analítica não é apenas uma escuta do psiquismo, mas uma modalidade de ação. Vale dizer, a experiência psicanalítica se realiza por uma forma específica de interpretação, que se desdobra em uma modalidade de ação” (BIRMAN, 2019, p. 22). Nesse contexto, buscaremos elucidar as interfaces entre uma escatologia a partir de lugares não-absolutos em Ricoeur e uma ética do desejo em Lacan.

Palavras-chave: esperança; querigma; metáfora; poética; liberdade.

* Bacharel e Licenciado em Filosofia (UFJF). Mestre em Filosofia (PUCCAMP). Doutor em Teologia (FAJE). Pós-Doutorado (UNIFR-Suíça). Psicanalista.

1.2 MESA: PSICANÁLISE, RELIGIÃO, MORAL

Mediação: **Paula Mariana Entrudo Rech**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023, 10h15-12h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula: 60414

A religião frente ao desamparo do sujeito contemporâneo: considerações entre Freud e Feuerbach

Carlos Alberto da Silva*

E-mail: psico.carlos@hotmail.com

Resumo: As relações entre religião, psicanálise e filosofia sempre foram marcadas por tensões, como a maneira de abordar a moralidade, as relações com a sexualidade e repressões, a visão fantástica versus a realidade racional, entre outras. Ao pensarmos o contexto do sujeito contemporâneo, poderíamos nos questionar: a busca religiosa ainda satisfaz seus anseios? Quais demandas as religiões suprem hoje em dia? Feuerbach (1804-1872) foi um dos filósofos que encarou a religião em seu caráter antropológico e que deixou marcas em Freud. Há semelhanças em seus escritos ao tratarem a questão da ilusão, do desamparo e das projeções humanas em um ser transcendente e superior. Para ambos, as ideias religiosas foram formuladas ao longo do tempo, seguindo modelos de projeções infantis. Feuerbach (1841) demonstrou as contradições do cristianismo, considerando-as como uma expressão antropocêntrica da humanidade. Tudo o que é imperfeito e inacabado no humano passa a ser perfeito e acabado em Deus, o referencial por excelência do bem e da felicidade. Freud, nas cartas ao pastor Pfister, deixa explícito que a psicanálise não se vincula a religião e que embora elas tenham em sua raiz um trabalho para a cura das almas, a religião trabalha com a fé, por meio de experiências fantasiosas e sobrenaturais. Freud e Feuerbach problematizam a busca ilusória pelo divino, relacionada à tentativa de impor padrões éticos à humanidade por meio de restrições, a fim de controlar nossos impulsos agressivos, antissociais e anticulturais. Frente à falta de controle sobre a natureza, o enigma da morte e o desamparo estrutural do sujeito surge à busca por uma divindade que possa apaziguar as inquietações, os conflitos da existência e ausência de repostas que nos cercam. A proposta deste trabalho será então abordar as convergências e divergências entre estes dois autores na crítica a religião, destacando o papel de Feuerbach nas formulações freudianas e ressaltando a delimitação entre os campos da religião e da psicanálise, explicitando as saídas propostas por eles frente ao desamparo. Pretende-se, finalmente, reunir dispositivos conceituais para discutir a função da religião em nossa sociedade brasileira contemporânea.

Palavras-chave: Freud. Feuerbach. Religião.

* Mestrando em Psicologia (UEM).

1.2 MESA: PSICANÁLISE, RELIGIÃO, MORAL

Mediação: **Paula Mariana Entrudo Rech**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023, 10h15-12h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula: 60414

Feuerbach e a questão da religião: alienação como mecanismo de uma suposta verdade

João Victor Ponciano*

E-mail: jvponcianopucpr@gmail.com

Resumo: Este trabalho buscará discutir questões postas por Ludwig Feuerbach, sobre a dicotomia entre consciência e a alienação, sujeito e subjetivação, pensamento e religião. Segundo o filósofo alemão, uma característica central dos seres humanos, é a capacidade de pensar por meio de um exercício filosófico, que resultaria em uma espécie de emancipação do Sujeito. Entretanto uma outra característica própria da humanidade é a criação de deuses e instituições como a religião. Nossa intenção é investigar qual a razão dessa criação, e até que ponto postular a existência de um ser ou de seres transcendentais interferiria no processo de emancipação desses indivíduos? É possível traçar um caminho que converge entre a religião e o exercício do pensamento filosófico? Mais do que apresentar soluções, esta investigação tem como principal objetivo provocar questões acerca das problemáticas aqui levantadas.

* Psicanalista. Professor e coordenador do PPG Psicanálise e Filosofia (UP), Doutorando em Filosofia (UFRJ). Mestre em Filosofia (PUC-PR).

1.2 MESA: PSICANÁLISE, RELIGIÃO, MORAL

Mediação: **Paula Mariana Entrudo Rech**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023, 10h15-12h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula: 60414

A crítica da religião em Schopenhauer e Freud

Guilherme M. Germer*

E-mail: guilhermeguita@gmail.com

Resumo: A relação de Freud com Schopenhauer é bastante debatida, e espinhosa: algumas de suas referências ao filósofo registram um certo parentesco, como nos temas do inconsciente, sexualidade, repressão e morte. Porém, como Freud também recusa aderir a uma “Weltanschauung” (visão de mundo), e valoriza bastante o caráter científico de sua doutrina, sua distância ante o metafísico também se faz patente. Um objeto muito oportuno de confronto entre ambos os pensamentos (inclusive, por ser igualmente interno e externo à filosofia e psicanálise), além de pouco explorado pelos comentadores, é a religião. Diante desse “bem cultural”, porém, encontramos, de novo, tanto proximidades quanto distâncias: ambos os autores são ateus, explicam a religião como um produto infantil e patológico do ser humano, oriundo de seu desamparo frente à morte e ao sofrimento, e aplaudem o encolhimento da fé ante o avanço do saber, rumo a uma possível eutanásia da religião (para Freud, provável, e para Schopenhauer, remotamente possível). Além disso, eles concordam em que a religião possa expressar a verdade indiretamente, muito embora, para Schopenhauer, sua grande importância seja a de transmitir à população inculta relevantes lições éticas e metafísicas, enquanto que Freud já aposta nas verdades históricas que podem ser descobertas por trás dos dogmas, de modo semelhante a como a infância dos pacientes da psicanálise pode ser conhecida a partir de seus sintomas. Propomos, portanto, nessa comunicação, sintetizar as principais semelhanças e diferenças entre as posições de ambos os críticos da religião, e a partir disso, levantar elementos à reflexão mais ampla da relação de Freud com a “escola de Schopenhauer”: o pai da psicanálise mereceria ser avaliado como pertencente à proximidade do schopenhauerianismo, já que esse diagnóstico parece ser o que mais condiz com sua ambivalência ante Schopenhauer e a filosofia em geral?

Palavras-chave: Ateísmo. Pessimismo. Escola de Schopenhauer.

* Doutorado em Filosofia (UNICAMP). Pós-doutorado (USP) e (UEM). Professor colaborador (UEM).

1.2 MESA: PSICANÁLISE, RELIGIÃO, MORAL

Mediação: **Paula Mariana Entrudo Rech**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023, 10h15-12h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula: 60414

Medo, culpa e sede de obediência: o problema da servidão em Freud

Tiago Carvalho Lombardi Tosta*

E-mail: tiagolombardi11@gmail.com

Resumo: O trabalho tem como propósito investigar alguns elementos da formação individual que podem tornar possível a identificação do oprimido com o seu opressor. Para alcançar esse objetivo, teremos como pilar central os textos socioculturais de Freud, sem prescindir da discussão metapsicológica que eles suscitam. Por meio deles, buscaremos entender como a cultura existente, baseada numa lógica de dominação, promove modos de socialização que sujeitam os indivíduos aos auspícios do poder. Compreendendo que a classe dominante organiza a realidade material por meio da exploração da classe dominada, Freud afirma que uma parcela substancial dos oprimidos, em contradição com os seus próprios interesses, enxerga em seus senhores o seu ideal. Para Freud, este estado de coisas paradoxal se deve, em grande parte, ao medo e ao sentimento de culpa desenvolvidos durante a socialização individual. No estágio do complexo de Édipo, o princípio de realidade começa a se sobrepôr e a criança desenvolve, por causa das limitações impostas, sentimentos ambivalentes em relação aos seus protetores. Contudo, ela cede à autoridade dos pais, pois teme, como punição pelas suas transgressões, perder o amor e o amparo que eles oferecem e assim ficar exposta aos perigos do mundo. Dessa forma, as consequências punitivas produzem o medo infantil de se contrapor à ordem estabelecida pelos pais, suscitando na criança o sentimento de culpa pelas suas inclinações transgressoras. No decorrer de seu desenvolvimento, o indivíduo adulto substitui o lugar dos pais por outras autoridades sociais, transferindo para elas a mesma relação de medo e culpa e, por esse motivo, também estabelece com esses substitutos o compromisso da obediência em troca de seu amor e de sua proteção. Esse modo de socialização, que produz a dependência no lugar da autonomia, torna os indivíduos incapazes de assumir a responsabilidade pelos próprios atos e, assim, incapazes também de agir de maneira livre. Logo, sentem a necessidade de uma ordem exterior a que possam obedecer sem maiores escrúpulos, pois continuam, diante do mundo, no mesmo estado infantil de desamparo, necessitando de um outro que os proteja e conduza as suas ações. Desse modo, o medo social difundido pela cultura estabelecida perpetua as relações de dominação, pois ao produzir a culpa e, então, a sede pela obediência, torna a classe oprimida em uma classe dependente, dócil, acrítica e, por isso, vulnerável aos ideais que forjam a sua própria condição servil.

Palavras-chave: Servidão. Cultura. Psicanálise.

* Graduado em Psicologia (UFJ). Mestrando em Filosofia (UFSCar).

1.2 MESA: PSICANÁLISE, RELIGIÃO, MORAL

Mediação: **Paula Mariana Entrudo Rech**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023, 10h15-12h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula: 60414

A necessidade dos Antigos e Clássicos na Filosofia da Psicanálise

Gabriel Henrique Leite da Silva*

E-mail: gabrielh.silva@outlook.pt

Resumo: É usual que a Psicanálise, advinda de Freud, utilize muito dos mitos gregos e de conceitos da Filosofia Antiga. Quem pode negar que a influência grega não permeia a visão cosmológica ocidental e faz sua influência na filosofia europeia desde os filósofos antigos? Quem dirá a profunda marca deixada por ela e pelos humanistas no contexto do século XX mesmo que seus detratores a tentem ignorar ou armar falácias a seu respeito. É verdade também que os psicanalistas há tempos se ligam à política da Práxis, se propõem a uma Filosofia na: Política, Ética, Antropologia, Epistemologia ad infinitum, são campos que os psicanalistas tocam e se debruçam desde seu estopim. Dessa forma, propomos que a Psicanálise, não obstante, deveria fazer sua influência nos meios acadêmicos, mas também esteja aberta as críticas construtivas que seus contrários venham a fazer, por exemplo, a influência de Rudolf Allers e a crítica advinda de Viktor Frankl em relação negação do transcendente ou do sentido na Filosofia Psicanalítica ou mesmo a Psicanálise de Reich que tanto se afasta de Freud e ganha adeptos até hoje. De certa maneira, é de cuidado que os analistas se carreguem de bons argumentos e, para isso, uma volta aos gregos seria altamente frutuosa. Por que não filosofia platônica à filosofia Žižekiana-Hegelianas? Aristóteles à Marxistas ou Liberais? Estes últimos que se nutrem de uma Psicanálise aos moldes da Ideologia. É de ciência que a Psicanálise sempre deverá voltar a Freud para que realmente não se perca aos moldes de filosofias vazias ou ilógicas, pois, já foi bem-dito por Rollo May sobre os cuidados de não banalizar a psicanálise fazendo-a uma teoria mecanicista e determinista da personalidade humana de acordo com o seu livro "A arte do aconselhamento psicológico". Além de Freud, os analistas atuais não devem parar por aí, mas avançar na cultura deixada na Arte, na Filosofia, na Literatura e na Educação Clássica para se munirem de bons frutos que permanecem nas áreas do conhecimento respectivas ou até mesmo de bons casos, de argumentos para a defesa de uma ideia coerente com a Filosofia Psicanalítica e uma base Platônica-Aristotélica Clássica como inspiração. Por exemplo, na Literatura Russa: Tolstoi e Dostoievski ou, mais próximo de nós brasileiros, a obra de Graciliano Ramos e seus predecessores que se debruçaram nos mais obscuros abismos do inconsciente humano, estes que podem fornecer insights valiosos para os analistas.

Palavras-chave: Psicanálise. Filosofia. Filosofia da Psicanálise. Filosofia Clássica. Literatura. Literatura Russa.

* Graduando em Psicologia (UBC); e graduando em Letras (UNIVESP).

2.1 MESA: PSICANÁLISE, FILOSOFIA E FEMININO

Mediação: **Izabela Loner**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023 13h30-15h15

Local: Bloco 15, Sala de Aula: 07 – Multiuso

A sexualidade feminina na perspectiva freudiana: uma revisão integrativa

Mariana Vitor Diniz de Castro*

E-mail: marianavdcastro18@gmail.com

Maria Aparecida Campos Diniz de Castro**

E-mail: nenacdiniz@gmail.com

Resumo: Reconhecido como o pai da psicanálise, Freud se propôs a desvendar e constituir a teoria sobre o inconsciente, levando em conta aspectos sociais e culturais que influenciam na formação do psiquismo. Considerado contemporâneo, foi um dos precursores na abordagem sobre a formação da sexualidade feminina e sua devida relevância, considerando as diversas mudanças sociais e culturais que afetaram diretamente a percepção sobre as mulheres. Portanto, o objetivo desse estudo foi investigar as percepções contemporâneas sobre a sexualidade feminina à luz da psicanálise freudiana, guiando-se pela técnica da revisão integrativa, que permite a síntese de resultados e verificações de lacunas teóricas. Deu-se início as buscas de artigos publicados nos últimos cinco anos (2017-2022), valendo-se das bases de dados LILACS e Periódico CAPES. Após a remoção de duplicatas e seleção pela leitura de títulos e resumos, dos 46 encontrados, optou-se por 7 artigos orientados ao tema em foco. Realizou-se leitura criteriosa nesse material, interpretação e análise crítica. Os resultados demonstram que com a ascensão de movimentos sociais, principalmente o de caráter feminista, há várias maneiras de se vivenciar a feminilidade, ampliando as possibilidades e experiências. Outro ponto destacado é a importância da visibilidade materna na constituição da menina, o que é chamado de período pré-edípico, no qual a mãe é um fator pertinente para a formação da futura mulher. E ainda, de constatar novos sofrimentos psíquicos causados pela exposição da mulher como objeto de consumo na contemporaneidade, facilitada pelas mídias sociais. Por fim, nos limites desse estudo, constatou-se que há poucos materiais produzidos recentemente sobre a sexualidade da mulher e sua relação com a psicanálise clássica e contemporânea. Certamente, há interesse desses pesquisadores em aprofundamento no tema em questão, em torno do qual recomendam que novos estudos sejam produzidos.

Palavras-chave: Psicanálise Freudiana. Sexualidade feminina. Contemporaneidade.

* UniTau.

** UniTau.

2.1 MESA: PSICANÁLISE, FILOSOFIA E FEMININO

Mediação: **Izabela Loner**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023 13h30-15h15

Local: Bloco 15, Sala de Aula: 07 – Multiuso

Mas afinal, onde está Mulher na filosofia da psicanálise?

Maria Eduarda Rodrigues da Silva*

E-mail: maria_rodrigues@ufms.br

Resumo: As reflexões propostas neste trabalho visam refletir acerca da contribuição e participação feminina nos trabalhos que permeiam a filosofia brasileira da psicanálise. Tendo como intuito, promover uma discussão sobre esses principais trabalhos que elucidam a presença da mulher no âmbito filosófico e psicanalítico. Neste parâmetro, será abordado, principalmente, o trabalho ilustre da pesquisadora Léa Silveira membra do núcleo de sustentação do GT de Filosofia e Psicanálise da ANPOF, do qual participa desde sua fundação em 2002. Léa Silveira é professora de Filosofia (graduação e pós-graduação) da Universidade Federal de Lavras, tendo participado da criação do Curso de Licenciatura em Filosofia, do Departamento de Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia nesta instituição, além disso, a docente desenvolve escritos, análises de textos e pesquisa em Jacques Lacan (1901-1981) e Freud (1856-1939). Em seu artigo Feminismo e psicanálise (2020), a autora evidencia como o feminismo e psicanálise travam um rico diálogo a respeito da visão do homem sobre a mulher, dentro dos preâmbulos e a tese freudiana da histeria como neurose feminina, desde finais do século XIX até hoje. Segundo Silveira, mesmo que a psicanálise coopere para que haja um entendimento do que é particular à mulher, ainda sim há uma adversidade de se desprender de uma figura patriarcal. Ou seja, se por um lado o feminismo se agarra nessa subvenção, há também um indício, reputando sobre a realidade presente no dia a dia da mulher. O objetivo desta comunicação é apresentar uma parte da pesquisa de modo provisório do trabalho de conclusão de curso, visando a participação e contribuições dos trabalhos femininos a respeito da filosofia brasileira da psicanálise.

Palavras-chave: Léa Silveira. Filosofia brasileira da psicanálise. Mulher.

* Graduanda em Filosofia (UFMS).

2.1 MESA: PSICANÁLISE, FILOSOFIA E FEMININO

Mediação: **Izabela Loner**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023 13h30-15h15

Local: Bloco 15, Sala de Aula: 07 – Multiuso

Reflexões sobre o corpo: uma interlocução com Freud, Lacan e Plotino

Márcia C. Penteado C. F. Vasques*

E-mail: marciapenteadovasques@yahoo.com.br

Resumo: Esse trabalho pretende estabelecer um diálogo entre a psicanálise e a filosofia, através de alguns aportes teóricos de Freud, Lacan e Plotino, sobre o quesito corpo e suas relações com o psiquismo humano. Freud se refere ao corpo como sendo pulsional, e embora o termo pulsão tenha sido empregado em sua obra “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, em 1905, somente dez anos mais tarde ele define a pulsão como representação psíquica das estimulações somáticas que fluem de forma contínua. Afirma ainda que a meta da pulsão é a obtenção do prazer, sendo meta ativa: olhar (e contemplar), que é substituída pela meta passiva: ser olhado (ser contemplado). Lacan considera que a constituição do sujeito se dá a partir da função escópica, ou seja, ela acontece a partir de um outro que exerce a função materna e que reconhece o sujeito como sendo seu próprio falo, onde através desse olhar o sujeito recebe uma primeira mensagem, onde o seu corpo polimorfo começa a se constituir a partir do olhar de um outro que o reconhece, mas que em seguida esse olhar é interrompido pela entrada de um Outro (grande Outro) que exerce a função paterna e, através dessa interdição, o sujeito enxerga seu próprio corpo, onde pela instauração da primeira ferida narcísica, ele se constitui através da entrada na linguagem. Na filosofia de Plotino, para alguns estudiosos, a questão da existência da forma dos indivíduos é discutível, refletindo certa ambiguidade dos próprios textos das *Enéadas*. Para o filósofo francês, Pierre Hadot, na filosofia de Plotino a alma seria uma das formas inteligíveis, um intelecto que se pensa no interior do intelecto, estando essa afirmação ligada à questão da existência das formas dos indivíduos. Nessa interlocução com os autores citados acima, há uma aposta para um diálogo entre a psicanálise e a filosofia, com vistas à constituição do sujeito desejante que habita um corpo, e/ou de suas possibilidades de existir e estar no mundo através de uma forma que o define.

Palavras-chave: Corpo e psicanálise. Corpo e filosofia. Psicanálise e filosofia.

* Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil); e da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano (IF-EPFCL); Membro do Fórum do Campo Lacaniano de Curitiba/PR.

2.1 MESA: PSICANÁLISE, FILOSOFIA E FEMININO

Mediação: **Izabela Loner**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023 13h30-15h15

Local: Bloco 15, Sala de Aula: 07 – Multiuso

A linguagem adequada ao “objeto” da psicanálise

Thiago Rodrigo Brunassi*

E-mail: thiagobrunassi@gmail.com.

Ruben Artur Lemke**

E-mail: lemke.ruben@gmail.com.

Resumo: Das interlocuções que Lacan manteve com Heidegger, resultaram o Discurso de Roma, uma introdução para o seu texto Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise e, também, A direção da Cura. Da Sorge? Heidegger, desde a sua analítica existencial, nos ajuda a pensar a condição de possibilidade de uma linguagem que esteja no mesmo lugar do objeto que analisa, ou seja, no-mundo. Um dos existenciais da Cura, o ser-para-morte, é citado por Lacan nos textos que o psicanalista visa fundamentar a sua linguagem. Lacan também está preocupado em não objetificar o Ser humano. Este é o mesmo objeto de que trata Freud? Se o psicanalista francês retorna a Freud via Heidegger, digamos que temos um método para tratarmos da verdade da metapsicologia freudiana. Embora Heidegger tenha feito sua crítica à metafísica em Ser e Tempo e, explicitamente, nos Seminários de Zollikon, outra crítica à metapsicologia de Freud, Lacan nos parece um autor atento aos problemas apontados pelo filósofo, ao mesmo tempo que se diz freudiano. Como Lacan propõe uma linguagem para o inconsciente teorizado por Freud? Vejamos em que sentido podemos pensar uma linguagem que direcione sem objetificar o tratamento, ou ainda, uma linguagem que possa ser adequada ao “objeto” da psicanálise.

Palavras-chave: Analítica existencial. Metapsicologia. Verdade.

* Psicanalista, Especialista em Psicanálise, Mestre em Filosofia (UEL) e Doutorando em Filosofia (UNIFESP).

**Doutor em Psicologia (UCDB). Mestre em Psicologia Social (UFRGS). Graduado em Psicologia (ULBRA). Coordenador da Residência Multiprofissional em Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde de Campo Grande - MS.

2.2 MESA: PSICANÁLISE E QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

Mediação: **Amanda Malerba**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023 13h30-15h15

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

The Philosophy of Psychoan(im)alysis

Gisle Selnes*

E-mail: gisle-selnes@uib.no

Resumo: One of the defining frontiers of contemporary philosophy is the ever-receding distinction between human and animal. The present paper will argue that psychoanalysis might offer a perspective that transcends the opposition between the traditional 'humanist' privileging man as the consummation of the great chain of being qua spirit and the 'post-humanist' deconstruction of the human subject as 'ex-cepted' from the universal play of differences, or immanent vibrant matter. Taking its cue from Francis Wolff's observation that psychoanalysis' concepts of repression and the unconscious represent a site of resistance to the hegemonic conception of man as 'a quite ordinary animal', my presentation will try to circumscribe the 'plot' of animality within—mainly Lacanian, or post-Lacanian—psychoanalytic theory and ask how it may add to the comprehension of as well as the politico-ideological intervention into the human–animal complex. In a discursive situation where the subject is sought reduced to a state of predictable responsiveness, thus undergoing a process of 'animalization' that reflects, however imperfectly, the reality of modern industrialized farming, it is of utmost importance to vindicate the functions of 'truth' as well as 'subject'. Unfortunately, the emancipation of animals cannot be the task of the animals themselves, yet the human animal cannot sacrifice its truth-procedure on the altar of animality without relinquishing its own singularity, either. Still, the re-negotiation of the anthropological machine is ongoing and inevitable—and it demands the full attention of the psychoanalytic community.

Palavras-chave: Animal studies. Lacanian psychoanalysis. Post-humanism. Truth and subject. Theory of discourses.

* Professor in comparative literature (University of Bergen, Norway).

2.2 MESA: PSICANÁLISE E QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

Mediação: **Amanda Malerba**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023 13h30-15h15

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

Feminist Philosophies of Radical Difference and the Lacanian Theory of Sexuation

Kari Jegerstedt*

E-mail: kari.jegerstedt@uib.no

Resumo: Lacan's thinking on language, sexuality, and sexual difference, was of pivotal inspiration for the so-called French feminists of the 70s and 80s (e.g., Luce Irigaray, Julia Kristeva and Hélène Cixous) and their efforts to elaborate a theory of the feminine as radical difference. Within current gender theory, the psychoanalytic understanding of sexual difference has been deemed a heteronormative construction which serves to uphold a violent, Western colonial binary logic. Is there a possibility to restore a concept of the feminine as radical difference while at the same time taking heed of decolonial and queer critiques of psychoanalytic discourse? I propose that an elaboration of trans femininity can offer a different and constructive avenue into rethinking the radical possibilities of femininity for a feminist philosophical project. Building on the work of Patricia Gherovici and Shanna T. Carlson, as well as Juliet Jacques' suggestion that there might be an écriture trans feminine, this paper offers a reading of third generation trans theorists, such as Andrea Long Chu and Maria Ramnehill, who posit femininity as a bodily desire and a truth procedure to rethink a feminist theory of difference.

Palavras-chave: Feminist philosophy, Lacanian psychoanalysis, radical difference, trans femininity, femininity.

* Associate professor gender studies in the humanities, head of Centre for women's and gender research (University of Bergen, Norway).

2.2 MESA: PSICANÁLISE E QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

Mediação: **Amanda Malerba**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023 13h30-15h15

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

Introdução ao pensamento de Gananath Obeyesekere

Arthur Brandolin de Souza Lemes*

E-mail: arthur.brandolin@gmail.com.

José Francisco Miguel Henriques Bairrão**

E-mail: bairrao@usp.br

Resumo: O presente trabalho tem como proposta central apresentar Gananath Obeyesekere e alguns de seus principais operadores conceituais: Motivação Profunda; Trabalho da Cultura; Símbolo Pessoal. Por se tratar de um autor pouco conhecido no Brasil e tendo desenvolvido uma vasta literatura no campo da Antropologia Psicanalítica acredita-se que este trabalho introdutório seja fundamental para promover uma abertura aos debates do campo em questão. Para atingir tal objetivo foi imprescindível relacionar aspectos biográficos do autor, como sua nacionalidade e trajetória de pesquisa, com seus desenvolvimentos teóricos e conceituais. Sendo assim, o artigo teve como delineamento metodológico a leitura crítica das principais obras do autor (Medusa's Hair, 1981; Cult of Goddess Pattini, 1984; The Work of Culture, 1990), evidenciando a íntima relação entre seu trabalho de campo etnográfico, seus estudos de casos clínicos e seu desenvolvimento teórico-conceitual. O procedimento se deu em quatro etapas: A primeira etapa consistiu em uma leitura exploratória das obras, buscando apreender o sentido desejado pelo autor, expresso por ele próprio nas introduções e prefácios. A segunda etapa consistiu na compreensão das bases teóricas do autor, em quem ele se embasa e quem são alvos de críticas. A terceira etapa consistiu em elucidar os três principais operadores conceituais de Obeyesekere, que atravessam todo seu percurso e obras. A quarta e última etapa, consistiu em colocar em foco a hipótese de que Obeyesekere pode não ser um autor muito lido no circuito canônico da Antropologia e da Psicanálise por se tratar de um autor não eurocêntrico e que, apesar de não utilizar do termo específico, desenvolve um pensamento que poderíamos chamar de "decolonial". Conclui-se então que Obeyesekere oferece uma vasta e significativa contribuição para a teoria psicanalítica e antropológica, tendo um pensamento original e com extremo rigor teórico. Sua importância ultrapassa os limites do debate teórico e se coloca como politicamente relevante ao questionar um cânone acadêmico eurocêntrico.

Palavras-chave: Símbolo Pessoal. Motivação Profunda. Trabalho da Cultura. Decolonialidade.

* Graduado em Ciências Sociais (UFSCar) e em Psicologia (Estácio), Mestre em Psicologia (USP-RP).

** Professor do Departamento de Psicologia (USP-RP), graduado em Psicologia e em Filosofia (USP). Doutorado em Filosofia (UNICAMP) e Livre-Docente (USP-RP).

2.2 MESA: PSICANÁLISE E QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

Mediação: **Amanda Malerba**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023 13h30-15h15

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

Gananath Obeyesekere e o Símbolo Pessoal

Arthur Brandolin de Souza Lemes*

E-mail: arthur.brandolin@gmail.com.

José Francisco Miguel Henriques Bairrão**

E-mail: bairrao@usp.br

Resumo: Nativo do Sri Lanka, Gananath Obeyesekere é um intelectual que desenvolveu seus estudos no campo da Antropologia Psicanalítica, efetuando estudos de casos clínicos; desenvolvimentos teóricos; e etnografias em seu país de origem, centrando suas análises na religiosidade local, processos simbólicos e a história colonial do Sri Lanka. Ficou conhecido no Brasil por uma controvérsia acadêmica com Marshall Sahlins na década de 1990, mas pouco foi discutido sobre seu trabalho para além desse embate. Uma das noções mais importantes na obra de Obeyesekere é a de Símbolo Pessoal, podendo ser tratado como conceito ou como operador conceitual, essa noção transpassa vários momentos da produção intelectual do autor, sendo definido e redefinido ao longo dos anos. Obeyesekere mantém suas construções em aberto, dando espaço para que suas experiências de campo, estudos de caso e desenvolvimento teórico contribuam continuamente com suas formulações conceituais. Assim como em Freud (uma das bases teóricas fundamentais do autor), Obeyesekere nos apresenta um caso paradigmático para o desenvolvimento da noção de Símbolo Pessoal, o caso Abdin, um mulçumano que se especializa em rituais de tradição hindu. Esse caso nos é apresentado na obra "Medusa 's Hair" (1981), posteriormente é retomado em "The Work of Culture" (1990). Juntamente com o desenvolvimento desse caso é desenvolvida a noção de Símbolo Pessoal, resultando em um operador conceitual aberto em sua definição, mas articulado com outros dois operadores conceituais, a Motivação Profunda e o Trabalho da Cultura. Tais contribuições têm relevância tanto para o desenvolvimento teórico da Psicanálise e Antropologia como para fazer prático.

Palavras-chave: Antropologia Psicanalítica. Símbolo Pessoal.

* Graduado em Ciências Sociais (UFSCar) e em Psicologia (Estácio), Mestre em Psicologia (USP-RP).

** Professor do Departamento de Psicologia (USP-RP), graduado em Psicologia e em Filosofia (USP). Doutorado em Filosofia (UNICAMP) e Livre-Docente (USP-RP).

2.2 MESA: PSICANÁLISE E QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

Mediação: **Amanda Malerba**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023 13h30-15h15

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

A contratransferência como enodamento ético-político

Jonatas Tiburtino dos Santos*

E-mail: jonatas.2021803062@unicap.com.

Véronique Donard**

veronique.donard@unicap.br

Resumo: Este estudo parte do pressuposto de que o psicanalista é afetado por contingências diversas de seu tempo e lugar, assim como a teoria e clínica psicanalítica exercida reproduzirá, em alguma medida, as marcas dessa afetação. Como consequência, tal exercício resulta da promoção de um modo específico de subjetivação e de distribuição de poder na dinâmica social, assim como os reproduzirá. Isso significa que essa afetação e reprodução têm natureza ética e política. A articulação dessa problemática surgiu através do estudo sobre a introdução da psicanálise no Brasil ocorrida nos primeiros anos do século XX, quando estava em vigor um projeto para modernização do país. Projeto que incluía estratégias sanitárias, disciplinares e educativas para ultrapassar as marcas do constrangimento por ser a última nação da América Latina a abandonar o escravismo e a se tornar república. O primeiro fato ocorreu em 1888; o segundo, um ano depois. A introdução da Psicanálise foi iniciativa do poder público e da comunidade psiquiátrica por buscarem embasamento científico para as estratégias empreendidas nesse projeto, visando à promoção da higiene mental. Entretanto, os relatos históricos da República Brasileira e da introdução da Psicanálise no país deixaram transparecer que essas estratégias eram inspiradas na eugenia e na teoria da degenerescência. Essas concepções afirmavam a superioridade dos requisitos hereditários apenas atendidos pelos caracteres fenotípicos do homem branco europeu, que repercutiam num ideal de conduta moral e disciplinar, em detrimento dos pretos, índios e miscigenados brasileiros. A teoria e a clínica psicanalítica tiveram o papel de examinar e aplicar técnicas para corrigir os vícios e taras, em prejuízo ora do seu pilar ético, ora da sua posição política. Mas, a violação da ética e da política da teoria e clínica psicanalítica só pode ser decorrente de uma posição específica prescrita a esse respeito. Além disso, podemos também implicar certa precariedade no laço entre a ética e a política nesse contexto. Assim, questionamos se o recurso teórico com efeito clínico em condições de fazer frente a essa precariedade seria a abordagem sistemática dos afetos que agem, de modo inconsciente, sobre o psicanalista: a contratransferência. Como esta última pode contribuir desde a formação do psicanalista a respeito dos atravessamentos inconscientes da contingência histórica? Como ela pode representar um recurso para a não reprodução de influências nocivas para os modos de subjetivação e de distribuição de poder na dinâmica social?

Palavras-chave: Psicanálise. Contratransferência. Contingência histórica. Ética. Política.

* Doutorando em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

** Professora Dra. do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e orientadora da pesquisa da qual o presente texto deriva.

3.1 MESA: LACAN E POLÍTICA

Mediação: **Izabela Loner**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023, 15h30-17h30

Local: Bloco 15, Sala de Aula: 07 – Multiuso

Alain Badiou e a Cena do Dois: a verdade da diferença

Guilherme Arthur Possagnoli Freitas

E-mail: guiarthur@hotmail.com.

Resumo: O trabalho debruça-se sobre as teorizações de Alain Badiou no campo do amor, enquanto Cena do Dois. O encontro entre duas disjunções radicais, Homem e Mulher, que promoveria o advento de uma verdade, a verdade da diferença. Badiou considera que a psicanálise lacaniana representou uma possibilidade de renascimento da filosofia, a partir do reconhecimento do Dois presente no amor. O intuito do trabalho é, sem perder de vista às produções de Jacques Lacan, especialmente os Seminários VIII e IX, poder pensar um amor para além do narcisismo. As obras de Alain Badiou utilizadas serão seus dois Manifestos pela filosofia (1989,2009), O ser e o evento (1988), Conditions (1992) e Elogio ao Amor (2009). Assim, a abordagem permitirá pensar o amor para além da busca de um estado de perfeição original, como um procedimento produtor de verdades sobre a diferença radical na posição dos amantes. Uma verdade que se caracteriza pelo rompimento com os saberes pré-estabelecidos, diferentemente de um narcisismo voltado para a repetição e o retorno a um estado mítico. Por fim, as implicações práticas no tratamento analítico são consequência da amplitude da proximidade conceitual entre amor e transferência para a psicanálise. Ao ser proposto pelo presente trabalho um novo amor – que é justificado pelas discussões técnicas de Lacan, por exemplo, o questionamento da identificação do paciente ao analista – é necessário articular como as novas formulações podem impactar na prática clínica psicanalítica de orientação lacaniana.

Palavras-chave: Badiou. Amor. Narcisismo. Lacan.

* Psicólogo (UFSC), mestrando em Filosofia (UNICAMP), orientando de Daniel Omar Perez. Pesquisador do tema de transferência e identificação, e as potencialidades da teoria de Alain Badiou para a psicanálise.

3.1 MESA: LACAN E POLÍTICA

Mediação: **Izabela Loner**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023, 15h30-17h30

Local: Bloco 15, Sala de Aula: 07 – Multiuso

Limite e desejo na política: uma interlocução entre a filosofia de Simone Weil e a psicanálise lacaniana

Letícia Kayser*

E-mail: leticia.kysr@gmail.com

Matheus Henrique dos Santos**

E-mail: m.henriquest@outlook.com

Resumo: A natureza do poder pode ser considerada na filosofia de Simone Weil a partir da noção de limite, entendido como característica do real que só se manifesta ao ser humano por meio do contato com a matéria, com a coisa que resiste em moldar-se conforme o seu desejo. Para ela, o reconhecimento do limite na realidade é a condição para que se produza um pensamento verdadeiro e é um aspecto igualmente importante da ética e da política. Com base nessa compreensão, lança luz sobre uma incongruência no poder, isso porque este procura sempre expandir-se de forma ilimitada sobre os seres humanos, porém, conforme isso acontece, estes vão sendo coisificados e, se porventura o poder alcança a todos, o que ele governa não são mais pessoas, senão coisas. Ocorre que no exercício ilimitado do poder, parece haver um componente pulsional específico. Nosso objetivo, portanto, é pensar uma aproximação entre a filosofia weiliana e a psicanálise lacaniana. Observa-se essa possibilidade na analogia entre a noção do limite e a de falta (própria da Coisa), constituinte do desejo no sujeito diante de uma realidade exterior que lhe é inassimilável. Esse poder que se expande ilimitadamente sobre outros sujeitos na busca por suplantar essa falta, esse limite, insere um regime de mais-gozar, ou seja, um gozo irrestrito com relação às coisas e às outras pessoas.

Palavras-chave: Poder. Limite. Ética.

* Licenciada e Mestranda em Filosofia (Universidade do Vale do Rio dos Sinos).

** Psicólogo e Mestrando em Filosofia (Universidade do Vale do Rio dos Sinos).

3.1 MESA: LACAN E POLÍTICA

Mediação: **Izabela Loner**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023, 15h30-17h30

Local: Bloco 15, Sala de Aula: 07 – Multiuso

Noção de lei na interface entre a psicanálise lacaniana e o direito

Izabella Gonçalves Costa Teixeira*

E-mail: izabella.teixeira1@estudante.ufla.br

Resumo: No primeiro semestre da graduação de Direito é apresentada aos estudantes a dicotomia entre saber zetético e dogmático. Essa fantasia, tratada por muitos como um axioma, parte da ideia de que o saber/conhecimento na ciência jurídica pode ser separado entre, respectivamente, infinito versus finito, especulação versus ação, divagação versus assertividade. Sendo assim, ao se separar aquilo que é considerado subjetivo, de uma suposta parte objetiva, vende-se uma falsa segurança das normas jurídicas – principalmente na lei escrita – que tornam o aluno e a aluna de Direito, desde o início de suas formações, reféns do sentimento de proteção de uma legalidade dita imparcial. O desejo, no sentido psicanalítico apresentado por Lacan, que conduz esse estudo exploratório da noção de lei, é mostrar que a produção de sentidos nunca é única e inequívoca, por meio, principalmente, do exame da tese de doutorado da professora Jeanine Nicolazzi Philippi. Ademais, o objetivo dessa pesquisa é evidenciar que na racionalidade jurídica ocorre um abafamento dos pressupostos subjetivos que sustentam a fundação da norma escrita. Ou seja, trata-se de uma camuflagem das influências religiosas, romanas e consuetudinárias do Direito Ocidental, justificadas em uma falsa ideia de agilidade e eficiência. À vista disso, se começamos a nos questionar os motivos que levam as pessoas a obedecerem às leis, em quais momentos os sujeitos aceitam se submeter, ou então porque grande parte do contingente humano prefere a obediência e a servidão voluntárias, no lugar de uma liberdade idílica, percebemos que os discursos político-jurídicos dicotômicos não são capazes de sustentar e explicar a legalidade como ela se encontra na ordem simbólica que determina os sujeitos. Por conseguinte, se a filosofia pode ser chamada de “mãe de todas ciências” por ter sido o ponto de partida do questionamento na antiguidade, a psicanálise poderia ocupar o lugar de “madrasta” ao interpelar todas as certezas do homem moderno. Em paralelo, se a lei humana for pensada como um princípio que ordena e estrutura os pressupostos éticos de uma sociedade a partir de interditos, a articulação entre os poderes instituídos e o topos singular que legitima as condutas e trocas sociais precisam ser analisados. Logo, a noção de lei é uma questão epistemológica, ética e política da psicanálise, e da filosofia da psicanálise, se considerarmos o ser humano como um produto da linguagem. Em outros termos, se o ser humano nasce na linguagem, e a lei jurídica é dita pelo ser humano, para o ser humano, ambos estão conectados por uma interação dialética sobre a qual cabe refletir.

Palavras-chave: Lei. Psicanálise. Direito. Sujeitos. Ordem Simbólica. Interditos.

* Graduanda em Direito (Universidade Federal de Lavras), bolsista CNPq pela mesma instituição em pesquisa exploratória sobre o tema apresentado. Graduanda em psicologia (Centro Universitário de Lavras), participante do Núcleo de Estudos em Psicanálise dessa faculdade.

3.1 MESA: LACAN E POLÍTICA

Mediação: **Izabela Loner**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023, 15h30-17h30

Local: Bloco 15, Sala de Aula: 07 – Multiuso

O mau-olhado em Plutarco

Fábio Augusto Rainer Dantas de Mello Silva

E-mail: fabiorainersilva@gmail.com

Geovane Guedes de Santana Araújo

E-mail: geovaneguedes.work@gmail.com

Resumo: O olhar foi objeto de bastante discussão pelos filósofos na antiguidade. No entanto, a questão do mau-olhado foi pouco discutida entre eles. Isso porque a ideia de que o olhar poderia guardar um poder misterioso de provocar efeitos nocivos, não era muito aceitável para a maioria dos filósofos da época. Plutarco (46 d.C – 120 d.C), se destaca como um dos poucos filósofos que ousaram adentrar nessa vertente. Assim sendo, o filósofo dedicou um capítulo inteiro em suas Obras Morais a essa temática, na tentativa de entender tal fenômeno. É válido ressaltar que a leitura de Plutarco acerca do olhar, se distancia dos modos convencionais, já que ele não estava necessariamente preocupado em desenvolver sistemas filosóficos abstratos, como os filósofos anteriores, mas sim destacar como o mau-olhado acarreta efeitos no outro. Entendemos ser valiosa a leitura detalhada da obra do mestre, tanto mais por Lacan⁴⁰ (SXI) e Freud⁴¹ (1919/1976) terem lido o mesmo. Mas do que se trata o mau-olhado? Em um dos escritos de Plutarco, o mestre Floro conta que Filarco (historiador dramático do primeiro século a.C.) dizia que os povos tibeos, habitantes de Ponto, eram capazes de provocar danos com o olhar tanto a infantes quanto a adultos. Para Lacan, o mau-olhado é literalmente aquilo que pode matar. Em seu seminário de número 11, ele afirma: “O mau-olhado é o fascinum, é o que tem por efeito parar o movimento e literalmente matar a vida”. Podemos notar a projeção de tal realidade na arte, devido a sua capacidade de velar e revelar. Lacan compreende que todo quadro é uma armadilha. Esse jogo perigoso cujo olhar está submetido pode ser evidenciado, por exemplo, no quadro “Os embaixadores” de Holbein. Nele, o olhar inicialmente se atenta para as duas figuras da vaidade ali retratadas. No entanto, quando o olhar capta a caveira encoberta através de uma artimanha, todo encanto se desfaz. Assim, a caveira ali representada não é nada menos que a apresentação violenta de um ponto cego. Quinet (2002) parece colocar em relevo no quadro o drama da castração pelo olhar, isto é, pela captura. A caveira seria a manifestação do objeto olhar como dotado de um poder de aniquilamento do sujeito.

Palavras-chave: Mau-olhado. Plutarco. Psicanálise.

* Graduada em Direito (Universidade Federal de Lavras), bolsista CNPq pela mesma instituição em pesquisa exploratória sobre o tema apresentado. Graduada em psicologia (Centro Universitário de Lavras), participante do Núcleo de Estudos em Psicanálise dessa faculdade.

3.2 MESA: RECEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS

DE TEORIAS PSICANALÍTICAS

Mediação: **Guilherme Germer**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023 15h30-17h30

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

Por que a teoria crítica precisa da psicanálise? O debate entre autorreflexão e teoria pulsional

Paula Mariana Entrudo Rech*

E-mail: paula.mariana.rech@gmail.com

Resumo: Os objetivos da presente pesquisa se dirigem a reconstruir o significado da psicanálise na obra *Conhecimento e Interesse*, publicada por Jürgen Habermas em 1968, indicando seu lugar na estrutura argumentativa dessa obra, suas especificidades em relação às leituras mais habituais da psicanálise freudiana e suas dificuldades particulares. Além disso, será investigado os motivos que levaram Habermas ao progressivo afastamento da teoria pulsional de Freud durante o desenvolvimento do projeto contido em *Conhecimento e Interesse*, discutindo suas possíveis consequências. A partir disso, reconstruiremos o debate atual sobre a incorporação da psicanálise na teoria crítica, contrapondo dois de seus principais modelos: o modelo da autorreflexão, proposto por Jürgen Habermas em *Conhecimento e Interesse* (1968) – e que encontra eco em desenvolvimentos recentes de Axel Honneth – e a tentativa de reincorporar a teoria pulsional segundo um modelo kleiniano, desenvolvida por Amy Allen. Partindo dessa interlocução entre psicanálise e teoria crítica, Allen, em seu artigo “Are We Driven? Critical Theory and Psychoanalysis Reconsidered” (2015), debate com Axel Honneth a importância de reafirmar a necessidade da psicanálise para a teoria crítica e leva em conta a teoria das pulsões para uma interpretação correta da psicanálise. Por outro lado, mesmo que Allen concorde com a afirmação feita por Honneth de que a teoria crítica precisa da psicanálise, sobretudo devido a questões metanormativas e explicativas, o que surge como ponto relevante para uma explicação é qual versão psicanalítica deveria ser abarcada pela teoria crítica. Por esse viés, a autora propõe, contra uma interpretação intersubjetiva da teoria das relações objetais de Winnicott, defendida por Honneth, que a versão que melhor cumpriria os objetivos da teoria crítica, principalmente no que concerne a fornecer uma concepção mais realista de pessoa e uma abordagem explicativa mais rica da agressividade e da destrutividade humana, seria encontrada no trabalho teórico voltado às pulsões de Melanie Klein. Dessa forma, pretende-se, por meio da articulação dos pilares psicanalíticos aos pilares da teoria crítica, especialmente pela via dos conceitos de autorreflexão, emancipação e pulsão, estabelecer uma diretriz a partir da qual possamos sobrepujar as lacunas encontradas no projeto habermasiano para, então, partimos em busca de respostas a respeito dos motivos pelos quais a teoria crítica precisa da psicanálise e da versão psicanalítica que deve, afinal de contas, ser adotada. Apesar de seu caráter esclarecedor, defenderemos que o debate contemporâneo sobre o projeto habermasiano não esgota o potencial nele presente, chamando atenção para nexos ainda frutíferos entre crítica emancipatória e teoria psicanalítica.

Palavras-chave: Psicanálise. Teoria Crítica. Autorreflexão. Pulsão.

* Mestra em Filosofia (UFRGS).

3.2 MESA: RECEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS DE TEORIAS PSICANALÍTICAS

Mediação: **Guilherme Germer**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023 15h30-17h30

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

A recepção filosófica da psicanálise na Alemanha por Carl Müller-Braunschweig

Caio Padovan*

E-mail: caiopadovanss@gmail.com

Resumo: A fim de contribuir com o debate atual sobre a história da recepção filosófica da psicanálise, pretendemos discutir nessa comunicação a posição defendida pelo filósofo e psicanalista alemão Carl Müller-Braunschweig no artigo: Sobre as relações da psicanálise com a filosofia. Inicialmente apresentado pelo autor em 1924, no V. Congresso Internacional de Filosofia, realizada em Nápoles, na Itália, e posteriormente publicado nos anais do evento, o texto será reimpresso no ano seguinte pela revista Imago, periódico editado na época por importantes membros do movimento psicanalítico. Nossa fala será dividida em três grandes partes. Abordaremos em um primeiro momento certos aspectos editoriais do texto. Na sequência, trataremos de alguns elementos de contexto, buscando demonstrar a pertinência do material para os estudos de filosofia da psicanálise. Por fim, examinaremos algumas das teses e contribuições de Müller-Braunschweig, nos concentrando mais especialmente nos temas avançados pelo autor no artigo supracitado.

Palavras-chave: História da recepção filosófica da psicanálise. Filosofia da Psicanálise. Movimento psicanalítico.

* Doutor em Psicopatologia e Psicanálise (Université Paris Diderot – Paris 7). Pesquisador ligado ao programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e ao departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

3.2 MESA: RECEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS

DE TEORIAS PSICANALÍTICAS

Mediação: **Guilherme Germer**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023 15h30-17h30

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

Teoría Crítica y psicoanálisis en Leo Löwenthal

Fabrizio Fallas-Vargas*

E-mail: fv.fabrizius@gmail.com

Resumo: Se explora la función del componente psicoanalítico en la analítica de dominación de Leo Lowenthal, con el fin de comprender la arquitectura del sujeto que se desintegra y configura dentro de la organización capitalista de la existencia, cuyos despliegues contemporaneos muestran no solo la validez de los planteamientos de Löwenthal, en tanto que pensador frankfurtiano, sino la urgencia estratégica, desde nuestras realidades, para establecer vínculos constructivos con su legado.

Palavras-chave: Löwenthal. Teoría Crítica. Psicoanálisis.

* Doutor Estudos da Sociedade e a Cultura. Coordenador Cátedra de Filosofia, Instituto Tecnológico de Costa Rica (ITCR). Professor Catedrático, Dpto. Filosofia e Pensamiento, Escuela de Estudios Generales, Universidad de Costa Rica (UCR).

3.2 MESA: RECEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS

DE TEORIAS PSICANALÍTICAS

Mediação: **Guilherme Germer**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023 15h30-17h30

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

Uma interpretação filosófica da psicanálise freudiana a partir da hermenêutica de Paul Ricoeur

Pedro Henrique Cristaldo Silva*

E-mail: pedro.h.c.silva@ufms.br

Jhonatan Gabriel Alves da Silva Santana

E-mail: jhonatan.gabriel@gmail.com

Resumo: Paul Ricoeur (1913-2005), filósofo francês conhecido por seu desenvolvimento teórico inicial na fenomenologia e posteriormente na área da hermenêutica filosófica, se debruçou não apenas sobre as linhas continentais da filosofia, mas também sobre o discurso interpretativo de uma nova linha de pesquisa que ganhava força na França do século XX: a psicanálise. Ricoeur, ainda na década de 60, propõem-se a investigar exaustivamente a consistência epistemológica do discurso psicanalítico em sua abordagem freudiana. Sua investigação resultou em uma obra publicada em 1965, sob o título *Da Interpretação – Ensaio sobre Freud*. Concentrar-nos-emos, no entanto, não propriamente no *Da Interpretação*, mas em um ensaio posterior, intitulado “Uma interpretação filosófica de Freud”, inserido em sua coletânea de textos *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica* de 1969. Nesse texto, Ricoeur distingue inicialmente duas posturas que o filósofo adota quando investiga a obra de Freud: a leitura e a interpretação filosófica. Nos resta, para além da leitura, a interpretação filosófica a partir da análise ricoeuriana da obra de Freud. Nossa proposta, nesse sentido, é discutir o estatuto epistemológico da psicanálise freudiana a partir da filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur, além de propor uma reflexão que “pensa a partir de Freud, isto é, depois dele, com ele e contra ele.” (RICOEUR, 1978, p. 159). Ricoeur aponta três traços a partir de sua leitura e interpretação filosófica de Freud empreendida em seu texto: i) discurso misto, que articula o sentido hermenêutico e a força naturalista; ii) arqueologia do sujeito e iii) teleologia do sujeito. Portanto, é a partir dessas considerações que apresentaremos a singular interpretação filosófica da hermenêutica de Paul Ricoeur da obra freudiana.

Palavras-chave: Epistemologia. Filosofia. Interpretação. Psicanálise. Ricoeur.

* Graduando em Filosofia (UFMS).

** Graduando em Letras/Espanhol (UFMS).

3.2 MESA: RECEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS

DE TEORIAS PSICANALÍTICAS

Mediação: **Guilherme Germer**

Data e horário: Segunda, 13/11/2023 15h30-17h30

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

O luto como categoria ético-política na filosofia de Judith Butler

Petra Bastone*

E-mail: petrastone93@gmail.com

Resumo: A filosofia da pensadora estadunidense Judith Butler possui grande influência da psicanálise, sobretudo da psicanálise freudiana. Com e através dela, Butler formula críticas e debates sobre gênero, sexualidade, melancolia e luto, pensado pela autora como uma categoria ético-política. Utilizando a obra *Luto e melancolia* de 1917 em grande parte de seus trabalhos, Butler constrói sua teoria pensando através do luto na psicanálise freudiana, fundamental para pensar a construção do Eu através das identificações e também para pensar a vulnerabilidade dos corpos. Meu objetivo neste trabalho é pensar como, para Butler, a teoria do luto freudiana é fundamental para pensa-lo politicamente, mostrando como determinados corpos são passíveis de luto e outros não. Para isso, mobilizarei obras em que a autora trata da interdependência e da vulnerabilidade para elucidar como a possibilidade do luto é capaz de escancarar a desigualdade social.

Palavras-chave: Luto. Melancolia. Vulnerabilidade.

* Formada em Filosofia (UFLA), mestra em Psicologia (UFSJ) e atualmente doutoranda em Filosofia (UFRJ), membra do Laboratório Filosofias do Tempo do Agora (LAFITA) e membra do GT Filosofia e Psicanálise da ANPOF.

4.1 MESA: PSICANÁLISE, EPISTEMOLOGIA, CIÊNCIA

Mediação: **Daniel Cardozo Severo**

Data e horário: Terça, 14/11/2023 8h15-10h00

Local: Bloco 13, Sala de Defesa

Arte e Ciência em Freud: Reflexões Epistemológicas

Avair Guilherme Amaral de Carvalho*

E-mail: guilhermecarvalhopsicologo@gmail.com

Resumo: Os artistas estão bem adiante de nós em relação ao conhecimento do inconsciente, diria Freud ao reconhecer os limites do conhecimento científico-positivista de sua época. Não obstante e de maneira enfática, fundamenta a psicanálise no campo das Ciências Naturais, em oposição às Ciências do Espírito, distinção que vigorava em seu tempo. Este trabalho retoma o problema ontológico entre o “humano” e o “natural” no desenvolvimento do pensamento freudiano, demonstra que procurou empregar os mesmos métodos aplicados aos objetos das “Ciências da Natureza” para investigar os fenômenos do “Espírito Humano”, o que justificava sua insistência em permanecer ao lado das Ciências Naturais. Ao mesmo tempo em que esbarrava na impossibilidade de demonstrar evidências empíricas e imediatas de sua teoria, procurou recorrer ao campo das artes e da literatura para tecer sua argumentação. Por fim, este trabalho demonstra que nos dias atuais podemos situar a psicanálise num campo científico mais amplo, no qual as “fronteiras” entre as Ciências Humanas e Naturais encontram-se diluídas.

Palavras-chave: Epistemologia da psicanálise. Ciência. Arte.

* Psicólogo (UFSCar).

4.1 MESA: PSICANÁLISE, EPISTEMOLOGIA, CIÊNCIA

Mediação: **Daniel Cardozo Severo**

Data e horário: Terça, 14/11/2023 8h15-10h00

Local: Bloco 13, Sala de Defesa

Considerações teóricas de Estudos sobre a histeria: uma análise lógico-contextual

João Lucas Zanchi*

E-mail: jlbzanchi@gmail.com

Resumo: Nossa exposição visa apresentar uma leitura crítica da parte “Considerações teóricas” do livro Estudos sobre a histeria publicado por Joseph Breuer e Sigmund Freud em 1895. O texto em questão teria sido escrito por Breuer como forma de contribuição ao trabalho conjunto, e responderia, como o próprio nome já diz, às elaborações propriamente conceituais e epistêmicas que fundamentariam as hipóteses “clínicas” ali expostas. Nosso objetivo é chamar a atenção para alguns aspectos formais que julgamos importantes de sua escrita, assim como para alguns fatos da relação entre os dois autores que se fariam fundamentais para sua leitura. Pois argumentamos que, de modo totalmente contraintuitivo, Estudos sobre a histeria refletiria acima de tudo o afastamento entre Freud e Breuer, devendo ser tomado, assim, como um texto essencialmente cingido, mais do que como um trabalho bem-sucedido em parceria. Nesse sentido, analisamos a parte sobre as Considerações teóricas para demonstrar que, na verdade, sua escrita dá vida a uma disputa dialética invisível entre os autores e expõe suas divergências no plano teórico. Isso acontece justamente porque é ali que eles são chamados a justificar suas ideias sobre a etiologia da histeria e a fundamentar suas posições – o que, evidentemente, envolvia um esforço epistêmico, assim como a mobilização de discursos e racionalidades que legitimassem as referidas posições. O texto é prenhe em pontos de contradição: momentos em que ele se esforça por negar algumas de suas próprias afirmações e incursões mais ou menos destoantes do restante (tanto em conteúdo quanto em vocabulário). Na verdade, tudo leva a crer que, embora escrito por Breuer, ele tenha sido objeto de intervenções diretas da pena de Freud; que, não obstante, são respondidas pelo próprio Breuer no curso da escrita. Em suma, a negligência dessa perspectiva lógica e contextual parece resultar em uma leitura que deve deparar com um mar de complexidades conceituais desnecessárias, a tentar desvendar a lógica de uma sequência argumentativa que não tem nada de linear nem de consistente. A esperança é de que nosso trabalho possa esclarecer esses aspectos e elevar a discussão sobre esse texto, frequentemente deixado de lado no âmbito dos estudos psicanalíticos, a um outro patamar.

Palavras-chave: Freud. Breuer. Histeria

* Psicólogo (PUC-SP), psicanalista, mestrando em Filosofia (UFSCar), onde realiza uma pesquisa na área de Filosofia da psicanálise sobre a história e as declinações lógico-formais do conceito de desejo nas obras de Sigmund Freud e de Jacques Lacan.

4.1 MESA: PSICANÁLISE, EPISTEMOLOGIA, CIÊNCIA

Mediação: **Daniel Cardozo Severo**

Data e horário: Terça, 14/11/2023 8h15-10h00

Local: Bloco 13, Sala de Defesa

Existe uma crise na produção do conhecimento na Psicanálise? Da pluralidade epistemológica a clínica psicanalítica

Bruno Marques Ibanes*

E-mail: ibanesbm@gmail.com

Resumo: A leitura do capítulo “Epistemological and methodological issues on process and outcome research”, de autoria de Peter Fonagy, presente na obra “An open door review of outcome and process studies in Psychoanalysis” em sua terceira edição, publicada em 2009 pela International Psychoanalytical Association (IPA) elenca algumas questões problemáticas dentro da produção do conhecimento na psicanálise nos dias atuais como: a fragmentação da base de conhecimento psicanalítica (o que nomearemos de pluralidade epistemológica), o status lógico da teoria na prática (levantando uma discussão sobre o método indutivo vs dedutivo no desenvolvimento da teoria clínica) e as possíveis novas estruturas epistêmicas para a psicanálise. Nesta mesma linha de pensamento, Robert Wallerstein (2015), no primeiro capítulo da obra “Psicoterapia de Orientação Analítica: Fundamentos Teóricos e Clínicos” aponta a dificuldade de se definir com propriedade o que é psicanálise, psicanálise modificada e psicoterapia psicanalítica. Para Wallerstein, essa definição pode vir a depender exclusivamente do observador clínico ou do investigador-pesquisador. Nesse contexto, essa comunicação visa apresentar as ideias de ambos os autores, interligando-as e discutindo-as com o objetivo de indagar a possível existência de uma crise na produção do conhecimento na psicanálise.

Palavras-chave: Epistemologia. Psicanálise. Produção do Conhecimento.

* Bacharel em Psicologia (UFMS). Especialista em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica (UCDB). Mestrando em Psicologia (UFMS).

4.1 MESA: PSICANÁLISE, EPISTEMOLOGIA, CIÊNCIA

Mediação: **Daniel Cardozo Severo**

Data e horário: Terça, 14/11/2023 8h15-10h00

Local: Bloco 13, Sala de Defesa

Entre o cérebro e o psíquico, qual objetividade para a psicanálise? Verdade, realidade, ciência e empiria em Freud

Antonio de Almeida Neves Neto*

E-mail: anevesnt@gmail.com

Resumo: A questão da natureza do psíquico e o estatuto das ciências biológicas na obra de Freud é um tema clássico na história e epistemologia da psicanálise. Esse debate ganha especial importância hoje, com o avanço nas técnicas de investigação do cérebro e os debates sobre quais seriam as formas mais objetivas, científicas e precisas de se fazer psicologia. Nos comentários à obra de Freud, podemos estabelecer dois polos do debate: de um lado, temos aqueles que defendem que o psíquico ganha em Freud uma autonomia em relação ao somático, o primeiro não podendo ser reduzido ao segundo e sendo alçado como objeto de investigação próprio da psicanálise; do outro lado, temos aqueles que defendem que Freud, até o fim de sua obra, apontou para a imprecisão do saber psicológico feito sem uma fundamentação fisiológica e que, com o avanço técnico e científico nesse domínio, as abstrações metapsicológicas evanescentes poderiam ser substituídas pelos substratos biológicos objetivos de uma ciência mais precisa sobre o psiquismo. Nessa exposição, gostaria de fazer uma proposta interpretativa alternativa a essas. Partindo principalmente dos textos “Sobre a questão da Weltanschauung” e “A negação”, exporei a forma como Freud entende as noções de “realidade”, “verdade” e “ciência”. Pautando-se na diferença entre princípio de prazer e princípio de realidade e a forma como Freud teoriza a saída da alucinação pelo imperativo de ação sobre o mundo para satisfação das necessidades humanas, argumentarei que nem o somático e nem o psíquico são os fiadores últimos do que o pai da psicanálise compreende como realidade. Para Freud, a verdade não é dada de princípio como habitando um domínio como o “biológico”, o “mental” ou o somático, como em uma abordagem metafísica, mas sim em um processo de teste da realidade que a ciência com seu recurso à empiria é capaz de fazer. Creio que essa compreensão não só faz mais justiça à complexidade do pensamento freudiano, como também é mais profícua para pensarmos questões atuais referentes a filosofia da ciência, à cientificidade da psicanálise, sua relação a psicologia e neurociências assim como outras problemáticas que dizem respeito ao avanço do conhecimento e da ciência na psicologia.

Palavras-chave: Psicanálise. epistemologia. ciência.

* Graduado em Psicologia (PUC-SP) e Filosofia (USP), mestrando em Psicologia Social (USP) e psicanalista em formação pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Membro do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise (LATESFIP) da USP. Atende em consultório particular.

4.2 MESA: PSICANÁLISE, EPISTEMOLOGIA, CIÊNCIA

Mediação: **Daniel Cardozo Severo**

Data e horário: Terça, 14/11/2023 10h00-12h00

Local: Bloco 13, Sala de Defesa

Além do Princípio da Razão: Psicanálise, Metafísica Empírica e a Inteligência Artificial

Marcus Vinicius de Souza Nunes*

E-mail: mvincius.snunes@gmail.com.br

Resumo: A ampla popularização dos longos desenvolvimentos teóricos e técnicos em Inteligência Artificial, o salto qualitativo das IA's generativas, as questões éticas emergentes, os desafios jurídicos e políticos, são também importantes questões teóricas. Note-se que há uma consolidada pesquisa em Filosofia da Inteligência Artificial, bem como em Filosofia da Tecnologia e a Filosofia da Mente. A proposta deste ensaio, todavia, é apresentar uma colaboração para o debate sobre a teoria da Inteligência Artificial a partir da intersecção entre Filosofia e Psicanálise. A proposta se articula em dois eixos. No primeiro, partindo da Teoria do Ator-Rede de Bruno Latour, analisa-se a possibilidade de uma Metafísica Empírica, no sentido que lhe dá o autor: como um esforço para acolher a diversidade metafísica do próprio real para além da pluralidade de discursos sobre uma realidade uniforme. Para Latour é necessário abandonar a noção moderna de "Ciência" como negadora da diversidade ontológica, em favor de um lento trabalho de composição e de instituição que caracterizam os muitos modos de existência. Assim, os saberes e as ciências conformam uma nova ecologia do real em que várias formas de ser coabitam o pluriverso. No segundo eixo, analisamos como a antropologia psicanalítica, aqui pensada desde "os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise", apresentados por Jacques Lacan, pode colocar o debate sobre a IA sob outra perspectiva. Em vez de questionar se tal tecnologia emula o pensamento humano (IA fraca) ou se é pensamento em sentido estrito (IA forte), pergunta-se como inserir um novo modo de ser em uma ecologia mais ampla que pensa como características antropológicas decisivas não apenas os processos cognitivos conscientes, mas pulsões, transferência, repetição e Inconsciente. Além de um Teste de Turing, se poderia perguntar se não seria pertinente imaginar a máquina passando por um "Teste de Lacan", em que a IA realizaria um modo de operação que lhe é próprio em uma rede de conexões com os agentes humanos.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Metafísica. Antropologia Psicanalítica.

* Professor de Tecnologias da Informação e Comunicação (CIT/CTS/UFSC). Doutorando em Educação (PPGE/UDESC). Mestre em Filosofia (PPGFIL/UFSC). Mestre em Educação (PPGE/UFSC). Membro do Movimento Psicanalítico Sul Catarinense (AMPSC).

4.2 MESA: PSICANÁLISE, EPISTEMOLOGIA, CIÊNCIA

Mediação: **Daniel Cardozo Severo**

Data e horário: Terça, 14/11/2023 10h00-12h00

Local: Bloco 13, Sala de Defesa

Método e Realidade: objetividade do conhecimento a partir da psicanálise

Jonathan Postae Marques*

E-mail: jonathan.postae@ufms.br

Resumo: O filósofo brasileiro Ivan Domingues (1952) na obra Epistemologia das Ciências Humanas: tomo 1 – positivismo e hermenêutica, produz uma discussão sobre a objetividade das ciências humanas. Em linhas gerais, a objetividade é apresentada como uma aproximação do real que é necessariamente intermediada por um sujeito, nas ciências humanas não haveria um instrumentamento que possibilite analisar o real independente do sujeito. Dada a participação ativa do sujeito na produção científica é preciso um método para investigação, assim, garante-se um caminho seguro para identificar o real. Ivan Domingues apresenta diferentes métodos/caminhos percorridos pelas ciências humanas para aproximar-se da realidade, entre os métodos apresentados, está a psicanálise freudiana. Como é feita a recepção filosófica da psicanálise por Ivan Domingues? O objetivo deste trabalho é apresentar a recepção filosófica brasileira da psicanálise a partir de Ivan Domingues.

Palavras-chave: Método. Ciências Humanas. Psicanálise.

* Professor da Rede Estadual de Ensino do Governo do Estado do Mato Grosso do Sul. Licenciado em Filosofia (UFMS).

4.2 MESA: PSICANÁLISE, EPISTEMOLOGIA, CIÊNCIA

Mediação: **Daniel Cardozo Severo**

Data e horário: Terça, 14/11/2023 10h00-12h00

Local: Bloco 13, Sala de Defesa

Estudando o Projeto de uma psicologia de Freud: o problema dos “neurônios-chave”

Samuel Estevão Vieira da Silva*

E-mail: samuelestevaovs@gmail.com

Resumo: Conforme o manuscrito de Freud Projeto de uma psicologia, o mundo externo é formado por “grandes quantidades de energia”, que estão em movimento constante e propagam violentamente seu movimento. O organismo vivo situado no mundo é permanentemente atingido por essas quantidades (Qs), de modo que seu sistema nervoso estruturou-se no sentido de oferecer proteção contra as forças de origem externa. Ser atingido por uma Q equivale a ser estimulado, de maneira que um estímulo, a princípio, corresponde à ação de Qs de origem externa, tal como ocorre na dor, que consiste na invasão de grandes Qs no organismo. Mas, por outro lado, o organismo é estimulado também por Qs de origem interna, tal como ocorre nas situações de carência da fome e da sexualidade, originadas por meio de liberação de Q do interior do corpo. De acordo com a teoria proposta pelo Projeto, o neurônio – partícula material que compõe o sistema nervoso – “aspira a libertar-se de Q”, esforçando-se para manter a quantidade interna em nível constante e o mais baixo possível (“princípio da constância”). A Q perturba a tranquilidade do organismo, aumentando seu nível conforme ele é afetado por um objeto hostil (na dor) ou conforme é estimulado pela fome ou pela necessidade sexual (situações de desprazer). Para eliminar a Q em tais ocorrências de aumento de nível, o organismo deve realizar determinado trabalho: o de defesa contra o objeto hostil e o de busca e usufruto do objeto de satisfação de suas carências (“ação específica”). Porém, Freud supõe a existência de um neurônio especial, denominado “neurônio-chave”, que, ao invés de comportar-se segundo o princípio da constância, atua influenciando na produção de Qs, e não na sua eliminação. Esta comunicação tem como objetivo propor uma reflexão a respeito do significado dessa concepção para o estudo do Projeto, uma vez que o neurônio-chave pode ser tomado, à primeira vista, como uma suposição “estranha” e como contradição à teoria quantitativa na qual se baseia o manuscrito. Mas essa maneira de compreendê-lo desconsidera ou negligencia a questão da origem da quantidade de energia que é necessária para o trabalho de defesa (gasto de Q) contra uma recordação do objeto hostil. Nesse sentido, o problema do neurônio-chave pode ser compreendido não como uma contradição à teoria do Projeto, mas como um paradoxo com o qual ela precisa lidar de alguma forma, algo que encarnaria uma espécie de coincidência entre produção e dispêndio de Q.

Palavras-chave: Psicologia. Freud. Filosofia da Psicanálise.

* Mestrando em Filosofia (UFSCar). Graduado em Ciências Sociais (UNESP – Campus de Marília).

4.2 MESA: PSICANÁLISE, EPISTEMOLOGIA, CIÊNCIA

Mediação: **Daniel Cardozo Severo**

Data e horário: Terça, 14/11/2023 10h00-12h00

Local: Bloco 13, Sala de Defesa

Naturalismo e realismo na elaboração da metapsicologia freudiana

Yonetane de Freitas Tsukuda*

E-mail: yonetane.tsukuda@gmail.com

Resumo: Desde os seus primórdios, Freud concebeu a psicanálise como uma ciência da natureza. A manutenção persistente de uma terminologia fisicalista ao longo das elaborações teórico-metodológicas da metapsicologia nos permite concluir que a sua formação científico-naturalista foi determinante para a fundação do edifício epistêmico psicanalítico, não sendo somente um resquício tardio das suas primeiras investigações neuropatológicas. Entretanto, parte significativa da recepção filosófica da psicanálise tradicionalmente entende este naturalismo como epistemologicamente inadequado, sobretudo ao se enfatizar a dimensão terapêutica e interpretativa da clínica, numa tomada de posição explicitamente humanista. O problema geralmente é formulado em termos de incompatibilidade entre a especificidade do objeto das ciências humanas em relação à racionalidade naturalista empregada por Freud, denunciando uma tensão intransponível entre os registros natural e hermenêutico no interior do seu discurso. A solução proposta passaria pela reconfiguração do campo psicanalítico despojando-se do naturalismo freudiano de modo a melhor se ajustar aos critérios metodológicos estabelecidos pelas ciências humanas. Os resultados desta empresa são variados, indo de uma metapsicologia renovada ao ser reconstruída a partir de uma plataforma epistemológica alinhada com as humanidades, até mesmo à possibilidade de uma psicanálise sem metapsicologia. Como argumento, utiliza-se a própria afirmação freudiana de que o conjunto de conceitos metapsicológicos seria uma estrutura teórica especulativa e provisória, composta por ficções heurísticas que poderiam ser substituídas posteriormente em proveito de uma terminologia mais adequada. Este caráter heurístico da metodologia freudiana renderia duas interpretações possíveis do seu discurso: a primeira delas, esboçada acima, praticaria uma leitura antirrealista da metapsicologia; a segunda, conservando o naturalismo em seu bojo, promoveria a substituição de certos conceitos metapsicológicos por outros mais condizentes com os resultados obtidos pela neurobiologia, de modo a preencher as lacunas teóricas da psicanálise em conformidade com uma perspectiva realista. Neste sentido, pretendemos discutir em que medida o naturalismo poderia ser relevante para o campo psicanalítico, principalmente ao se considerar o crescimento vertiginoso do interesse de estudos neurocientíficos pela psicanálise, em especial pelos trabalhos neurológicos freudianos. Almejamos, assim, argumentar em favor de uma leitura realista da metapsicologia, ao mesmo tempo em que nos interrogamos se seria possível estabelecer uma articulação entre os registros biológico e hermenêutico em psicanálise.

Palavras-chave: Naturalismo. Psicanálise. Realismo.

* Doutorando em Filosofia (UFBA). Bolsista CAPES.

4.2 MESA: PSICANÁLISE, EPISTEMOLOGIA, CIÊNCIA

Mediação: **Daniel Cardozo Severo**

Data e horário: Terça, 14/11/2023 10h00-12h00

Local: Bloco 13, Sala de Defesa

À mesa do desejo: da escolha deliberada ao ato desenfreado

Michelle Calheiros Lima*

E-mail: michelle.2020803077@unicap.br

Véronique Donard**

E-mail: veronique.donard@unicap.br.

Resumo: O trabalho é um recorte de pesquisa que propõe apresentar o canibalismo bifurcado em uma razão que delibera e o desenfreio do desejo, em um diálogo entre filosofia e psicanálise. Brillat-Savarin, na Fisiologia do gosto (2009), argumenta que as primeiras sensações do gênero humano não passaram pela razão. O ser humano viu sem precisão, ouviu confusamente, cheirou sem discernimento, comeu sem saborear e gozou com brutalidade. Mas, com o passar do tempo, essas primeiras sensações foram refletidas, comparadas, julgadas e utilizadas para o bem-estar. Aristóteles, em sua Ética a Nicômaco, (2020), afirma a possibilidade de conciliação entre razão (logos) e desejo (orexis): é o desejo quem comunica, mas é a razão quem pondera. E quando se deseja sem ponderação? Nosso objetivo é apresentar a tensão entre a deliberação do desejo e sua satisfação desenfreada - do banquete canibal dos Tupinambás ao canibalismo de Jeffrey Dahmer. Para Freud (1900), o desejo cria e movimenta o mundo onírico graças à ausência da razão. A comunicação entre razão e desejo resulta na escolha deliberada, na capacidade de pesar as ações, de investigar, gerando decisões e escolhas, tal como acontece nos rituais antropofágicos - da captura a devoração - dos comensais ao prisioneiro, onde todos participam respeitando as regras. Já o canibalismo praticado pelo criminoso Jeffrey Dahmer busca saciar o desejo desenfreado - sendo a devoração, para a psicanálise, o desejo em sua forma mais primitiva - livre do recalque da realidade e da razão.

Palavras-chave: Canibalismo. Razão. Desejo. Psicanálise.

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica - UNICAP.

** Professora Dra. do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

5.1 MESA: MARXISMO, MATERIALISMO E PSICANÁLISE

Mediação: **Cristian Marques**

Data e horário: Quarta, 15/11/2023 8h15-10h00

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

As injustiças sociais e o neoliberalismo como propulsores para o sofrimento psicológico

Isadora Baldi Pastore*

E-mail: isapastore@gmail.com

Resumo: Neste trabalho pretendemos esclarecer a relação entre o governo neoliberal e as diversas formas que o sofrimento psicológico se constitui a partir de estilos de vida, e de trabalho que podem levar o indivíduo à perda subjetiva. Para tanto, iremos realizar uma revisão bibliográfica da literatura filosófica e psicanalítica contemporânea. O sofrimento psicológico, como cita Lacan (1992), não se resume a sintomas individuais, mas, deve ser considerado, como fazendo parte de uma construção social que está presente na cultura e na formação dos laços sociais (Lacan, 1992). Na sociedade capitalista existe uma demanda de trabalho e de construção de si, como o trabalho excessivo, a exacerbação do consumo e da aquisição de bens, que levam o indivíduo uma tentativa de se encaixar em padrões construídos através da cultura. Estes padrões exaustivos de trabalho e de demandas são responsáveis por diversos tipos de adoecimento psicológico (Dardot e Laval, 2016). A psiquiatria enquanto ideal de tratamento para doenças mentais corrobora com a ideia de que se possa encontrar uma cura rápida, pautada em alívio dos sintomas, tais como depressão, burnout etc. para que assim o indivíduo possa retornar ao ideal de produtividade, movimentando o capital, ignorando a história de vida e a forma com a qual a sociedade se constitui dentro do sistema neoliberal. Portanto, iremos pensar acerca das injustiças sociais, as quais, estão associadas ao modo com o qual a sociedade contemporânea e o modelo vigente determinam como devem operar os fenômenos no mundo do trabalho, sendo que é o mercado que dita as normas que devem ser acatadas por empresas que estão conectadas à lógica capitalista, pois, para Dejours (1998), a banalidade do mal está intrinsecamente conectada à psicodinâmica do trabalho e do discurso economicista, o qual retroalimenta o poder psiquiátrico. Para Neves (2021), uma forma de compreender as relações entre psiquiatria e o sistema de competição econômico, parte da ideia de uma patogênese da cultura neoliberal enquanto tal. Assim, fenômenos associados ao desenvolvimento do neoliberalismo tais como a solidão, a dissolução dos limites entre a vida doméstica e o trabalho, e o avanço da lógica da superação, e a produtividade como construção social, estariam associados a estes sintomas, enquanto produtos de uma nova subjetividade que está de acordo com as formas contemporâneas de ser.

Palavras-chave: Neoliberalismo. Sofrimento Psicológico. Injustiças sociais. Psiquiatria.

* Graduação em psicologia (UNISINOS), especialista em terapia dos esquemas (IWP), Psicanalista pela Associação Clínica Freudiana, Mestranda em Filosofia (UNISINOS), atua em clínica particular.

5.1 MESA: MARXISMO, MATERIALISMO E PSICANÁLISE

Mediação: **Cristian Marques**

Data e horário: Quarta, 15/11/2023 8h15-10h00

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

As dobras técnicas do capital

Jefferson Costa*

E-mail: jeffcosta5@outlook.com

Resumo: Compreende-se, na história do desenvolvimento do capital, dobras que demarcam estágios de agenciamento. Nesse sentido, para compreender a dobra atual do capital – (denominada neoliberalismo) que teve seu início principalmente no pós crise de 1929 –, deve-se retornar à crítica da economia política marxiana para identificar os pressupostos e as bases técnicas que constroem o capital no formato que ele tem. Desse modo, compreende-se em Marx a história do desenvolvimento técnico do capital. Enfatiza-se, entretanto, a passagem do período da manufatura à grande indústria como a primeira grande dobra imanente do capital, com sentido à totalidade do social. Nesse momento, o capital, com vistas à produção da mais-valia relativa, institui a maquinaria e, conseqüentemente, subsume o trabalho em sua totalidade. É neste momento, portanto, que o capital amplia sua imanência ao socius, quando, antes, na subsunção formal, detinha sua abrangência em sentidos meramente legais. Este momento compreende a grande primeira dobra histórica no capital. Ele serve à compreensão de que o capital, por necessidades imanentes de suas crises e contradições, postula aprimoramentos técnicos. Semelhantemente ocorreu na segunda grande dobra do capital, quando da contradição da crise de superprodução de 1929, a qual trouxe à discussão ao modo de produção capitalista a questão de como solucionar o problema da superprodução. Isso indica que o capital lançou-se sobre o controle do consumo. Entretanto, para controlar o consumo, é necessário produzir o necessário, a carência, aquilo que é útil. Isso somente torna-se possível se o capital compreender o que os sujeitos desejam ou se ditar as noções que produzem tal desejo. É então que, para lançar-se ao desejo, o capital desenvolve-se tecnicamente e utiliza-se do valor de uso das mercadorias, para, então, lançar-se ao desejo, passando, assim, a territorializá-lo. A categoria marxiana de valor de uso, portanto, presta auxílio para compreender a relação possível entre a crítica da economia política e a psicanálise. Compreende-se que, através do caráter de uso da mercadoria, o capital institui um axioma de que o desejo pode somente ser saciado dentro da lógica de consumo. Chega-se a um ponto, portanto, que o capital deseja e produz, isto é, produz a carência e fornece o valor de uso. Nesse sentido, postula-se a hipótese de que a atualidade do capital repousa na compreensão de que as lógicas de sua manutenção passam pelo desejo, compreendendo, desse modo, que o capital aprendeu não somente a controlá-lo, mas, também, a produzi-lo.

Palavras-chave: Técnica. Capital. Desejo.

* Sociólogo e mestrando em Filosofia (UFRN).

5.1 MESA: MARXISMO, MATERIALISMO E PSICANÁLISE

Mediação: **Cristian Marques**

Data e horário: Quarta, 15/11/2023 8h15-10h00

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

Revisitando a relação entre psicanálise e materialismo dialético: o diálogo entre Fenichel e Reich

José Henrique Parra Palumbo*

E-mail: jhparrap@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar, dentro do escopo da história das ideias psicanalíticas, o impacto do diálogo entre Wilhelm Reich (1897-1957) e Otto Fenichel (1897-1946) na obra deste, em especial sobre seu programa teórico de uma 'psicologia dialético-materialista', elaborado a partir de uma reflexão epistemológica a respeito dos fundamentos da psicanálise em Sobre a psicanálise como germen de uma futura psicologia dialético-materialista (Fenichel, 1934a). Para isto, faz-se uso do expediente metodológico, consagrado na História da Filosofia, de leitura e exame interno de textos relevantes para o problema em análise. Assim, inicialmente, é feita uma contextualização da relação entre os dois autores em meio ao movimento psicanalítico entre os anos 1920 e o início da década de 1930. Com isto em mãos, analisa-se como as diretrizes internas estabelecidas no programa de Fenichel (1934) remontam ao conhecido trabalho de Reich, intitulado Materialismo dialético e psicanálise (1929). Em seguida, explora-se a intertextualidade deste programa elaborado por Fenichel (1934a) com um trabalho postumamente publicado como anexo na edição de suas cartas, trocadas com um grupo de psicanalistas identificados com o pensamento de esquerda, no qual o autor analisa suas diferenças para com o próprio Reich e para com Freud (Sobre algumas diferenças entre mim e Reich nas concepções psicanalíticas, Fenichel, 1934b/1998). E, por fim, discute-se as possíveis implicações desta aproximação entre a psicanálise e o pensamento dialético-materialista realizada por estes psicanalistas para o debate em torno dos limites do conhecimento psicanalítico.

Palavras-chave: Otto Fenichel (1897-1946). Wilhelm Reich (1897-1957). Psicanálise. Materialismo-dialético.

* Professor do Departamento de Psicologia (UEM). Doutor em Psicologia (Psicologia Experimental - USP), Mestre em Psicanálise e Campo Social (Université Paris-Diderot), graduado em Psicologia e em Filosofia (USP).

5.1 MESA: MARXISMO, MATERIALISMO E PSICANÁLISE

Mediação: **Cristian Marques**

Data e horário: Quarta, 15/11/2023 8h15-10h00

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

Autoritarismo e analidade: Análise do Caráter segundo Reich e Fromm

Victor Emmanuel Urio*

E-mail victurio@protonmail.ch

Aline Sanches**

E-mail: asanches@uem.br

Resumo: A partir de uma revisão bibliográfica das obras de Wilhelm Reich e Erich Fromm, buscou-se compreender os aspectos psicológicos envolvidos na adesão das massas à projetos políticos autoritários. A radicalidade e crítica destes autores freudo-marxistas permanecem atuais para explicar o autoritarismo de modo geral e o neo-fascismo em particular. Ora aproximando-se, ora afastando-se, ambos posicionaram o conceito de caráter no âmago de suas críticas. A formação do caráter consiste em modos de reação mais ou menos estáveis e automatizados de aspecto egossintônico. Destaca-se aí o caráter anal, prevalente na sociedade ocidental tal como demonstrado inicialmente por Freud. Essa categoria tipológica, derivada de fixações na segunda etapa do desenvolvimento sexual, possui como traços centrais o pedantismo, a obstinação e a avareza, e não surpreende que seja prevalente em uma sociedade burguesa. Pensando o fascismo como uma exacerbação de elementos latentes nessa sociedade, tem-se uma explicação de como esse fenômeno, ao mesmo tempo pscossexual e socioeconômico, consegue a adesão das massas. Reich argumentava que cada organização social produz as estruturas de caráter necessárias para sua existência e destacou o papel da família, em particular de classe média, na formação de ideias autoritárias e na sustentação psicológica do fascismo. Introduziu a noção de couraça caracterológica, uma defesa que restringe a capacidade de prazer e adaptação da pessoa. Fromm contribuiu ao explicitar aspectos que Reich por vezes insinuou, aprofundando o repertório de uma psicanálise socialmente orientada. Além disso, contribuiu com uma associação minuciosa entre o autoritarismo, as angústias dos pequeno-burgueses frente a vida coletiva e a analidade. Exploramos os textos de Reich e Fromm para compreender o caráter em suas articulações com a ideologia e a estrutura social, dentro de uma abordagem freudo-marxista. As análises desses autores fornecem informações sobre os mecanismos psíquicos que favorecem a propagação de ideologias reacionárias e autoritárias, destacando a importância das condições sociais e econômicas na formação do caráter individual e coletivo. Com base neste trabalho apontamos para uma psicanálise ciente da superestrutura econômica e de suas manifestações inconscientes, capaz de revelar funcionamentos repressivos que, enraizados, mantêm-se até mesmo nos que optaram pela oposição ao capitalismo. Tomando a ética do desejo como princípio fundamental da psicanálise, o combate ao autoritarismo latente se dá, ao psicanalista, dentro e fora da clínica.

Palavras-chave: Reich. Analidade. Caráter.

* Mestrando em Psicologia (UEM).

** Professora do Departamento de Psicologia (UEM).

5.1 MESA: MARXISMO, MATERIALISMO E PSICANÁLISE

Mediação: **Cristian Marques**

Data e horário: Quarta, 15/11/2023 8h15-10h00

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

Marcuse: o problema da civilização e a filosofia da psicanálise

Felipe Ravison Paveglio*

E-mail: felipepaveglio@gmail.com

Resumo: O presente trabalho pretende analisar como Marcuse, ao abordar o problema da civilização a partir de conceitos freudianos, em sua obra "Eros e civilização", traz uma nova perspectiva, uma nova noção de filosofia da psicanálise, diferente daquela desenvolvida até então por seus colegas do Instituto de Pesquisas Sociais ou pelos chamados "neofreudianos". Ao defender a possibilidade de uma civilização não repressiva, Marcuse vai percorrer toda a metapsicologia e teoria da cultura freudiana. Freud afirmou que a civilização tem como condição necessária a renúncia da satisfação instintual por parte de seus indivíduos, e tal renúncia leva aos "mal-estares" presentes na civilização. O autor afirma ainda que a civilização se ergueu sob o pretexto de trazer mais segurança e menos sofrimento ao homem, pois no estado de natureza reinava a violência e o sofrimento. Paradoxalmente, Freud percebe que essa mesma civilização, que supostamente nos defenderia dos males e sofrimentos do barbarismo, é a principal causa de sofrimento psíquico. Freud não vê saída para isso, a civilização reprime nossos instintos, e a infelicidade gerada por tal repressão é o preço a se pagar para viver numa civilização, pois a gratificação integral dos instintos levaria o homem a regressar a um barbarismo infeliz e inseguro. Marcuse, por sua vez, vai afirmar que Freud não percebeu que em sua teoria havia um caráter sócio-histórico, e os mesmos conceitos que o levaram à sua visão pessimista da civilização escondem a possibilidade de inferir uma sociedade não-repressiva. Essa noção de civilização apresentada por Marcuse se trata de uma extrapolação dos conceitos freudianos, e é o que vai dar início a essa intersecção entre filosofia e psicanálise na obra do frankfurtiano. A partir dos conceitos freudianos Marcuse vai ampliar o escopo da filosofia da psicanálise para abranger não apenas o indivíduo, mas também as estruturas sociais. Somado a isso, em sua obra "O Homem Unidimensional" (1964) Marcuse irá ainda mais longe, estabelecendo um diálogo entre as ideias de Freud e Marx, abrindo as portas para uma filosofia da psicanálise ainda mais ampla. Em suma, este trabalho pretende partir de uma breve análise do problema da civilização de Freud, compreendendo os conceitos fundamentais que serão utilizados por Marcuse, para então compreender como a interpretação que Marcuse faz da teoria freudiana da civilização leva a uma nova forma de fazer e pensar a filosofia da psicanálise.

Palavras-chave: Freud. Marcuse. Filosofia. Psicanálise. Civilização.

* Mestrando (UFRGS), desenvolvo pesquisa sobre o problema da civilização na obra de Freud e a releitura de Marcuse acerca disso. No meio do caminho, percebi que tal análise levou a uma forma diferente de "fazer" uma filosofia da psicanálise e trouxe um panorama diferente para essa área do saber.

5.2 MESA: PSICANÁLISE, RAÇA, COLONIALIDADE, INTERSECCIONALIDADE

Mediação: **Petra Bastone**

Data e horário: Quarta, 15/11/2023 10h00-12h00

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

O apagamento preto no ensino da psicanálise

Yasmim da Fonseca de Souza Nantes*

E-mail: yasmim866@gmail.com

Elaine Cristina da Fonseca Costa Pettengill**

E-mail: elaine.pettengill@unigran.br

Resumo: Apesar da psicanálise no Brasil já ter alcançado ampla divulgação no ensino e na pesquisa pela psicologia, vê-se que grande parte das referências estudadas nas universidades seguem o padrão da branquitude eurocêntrica, em que os estudos raramente são voltados para o entendimento de grupos minoritários. Considera-se que autores de referências psicanalíticas decoloniais como Frantz Fanon, Lélia Gonzáles e Grada Kilomba são pouco estudados e divulgados, ainda que seus trabalhos intelectuais sejam tão relevantes e substanciais para o tema. Deve-se refletir criticamente sobre o ensino da psicanálise no Brasil sob o ponto de vista da práxis decolonial e investigar as contribuições a partir de referenciais filosóficos e psicanalíticos. Pelo método de revisão narrativa com levantamento bibliográfico das contribuições dos autores Michel Foucault, bem como, os estudos decoloniais, para a psicanálise, no que se refere a objetos de estudo voltados à análise e discussão sobre os impactos do racismo na subjetividade. As contribuições para a psicanálise dos autores Frantz Fanon, Lélia Gonzáles e Grada Kilomba, são de vasta importância, acrescentando e complementando a teoria psicanalítica sobre os desdobramentos na subjetividade diante do colonialismo, do racismo, entre outros. As explorações vão desde a construção do Ideal de Eu da pessoa negra até os sintomas neuróticos pela cultura colonial, estudos sobre a maciça utilização do mecanismo de defesa do ego, a projeção, feita pela sociedade branca. Para além do racismo estrutural/institucional que exclui tamanha contribuição, existem as relações de poder, que permeiam a exaltação do conhecimento branco. O saber acadêmico psicanalítico tem privilegiado brancos, sendo excludente, tendo uma relação de poder e violência visando um saber que mantenha essa estrutura e o conhecimento eurocêntrico. O apagamento de psicanalistas pretas, revela a relação do poder patriarcal, dentre as poucas autoras estudadas, está Melanie Klein, branca, e por vezes tem sua teoria explicada de forma superficial nos cursos de graduação de psicologia. Em suma, uma sociedade burguesa com legado colonial enraizado numa democracia liberal, o conhecimento da vasta obra de autores negros decoloniais é excluído, apesar de inúmeras contribuições para a teoria psicanalítica, isso ocorre devido a manutenção das relações de poder patriarcal colonial.

Palavras-chave: Psicanálise. Decolonialismo. Apagamento.

* Psicóloga Clínica.

** Doutoranda (UCDB).

5.2 MESA: PSICANÁLISE, RAÇA, COLONIALIDADE, INTERSECCIONALIDADE

Mediação: **Petra Bastone**

Data e horário: Quarta, 15/11/2023 10h00-12h00

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

Profilaxia da Alienação Colonial: implicações do pensamento filosófico de Frantz Fanon para a psicanálise

Guilbert Kallyan da Silva Araújo*

E-mail: guilbert.araujo@ufpe.br

Resumo: A Psicanálise, enquanto arcabouço teórico, clínico, metodológico, técnico e ético, abriu portas para compreensão dos fenômenos da ordem do inconsciente humano. Entretanto, esta se consolidou obstante uma compreensão dos processos de diferenciação que foram engendrados mediante consolidação da sociedade capitalista através do colonialismo, de modo que sua apreensão acerca dos processos de racialização se acentuam enquanto uma lacuna, visto que está alicerçada em uma compreensão de humano europeizado, negligenciando a questão colonial como uma determinante de subjetivação. Este trabalho se dispõe a descrever o processo de subjetivação da pessoa negra através dos escritos de Frantz Fanon, visando preencher as históricas lacunas psicanalíticas através da conceitualização de processos centrais que são consequências diretas do processo de outrificação sob o qual a pessoa negra está circunscrita. Objetivando compreender a dimensão dos processos de subjetivação que são mediados pelo colonialismo, utilizando a abordagem sociogênica proposta por Fanon, buscou-se apreender o papel do colonialismo enquanto condição histórica determinante dos processos de desenvolvimento subjetivo e das formas de sofrimento da população negra, traçando uma genealogia conceitual dos conceitos-chaves de sua obra, sendo: outrificação, alienação, inferiorização, epidermização e sociogênese. Permitindo compreender o processo de alienação do negro enquanto um determinante que imputa neste um caráter de sofrimento específico, de ordem racial e que se perpetua nas mais diversas ordens: objetivas e concretas (estado, desigualdade social, etc) e subjetivas (sofrimento racial mediante neurose colonial, configuração da negrura mediante interdição da branquitude na construção fantasmagórica do Eu-Negro interdito pela referenciação de si à branquitude), de modo que a descrição da sociogênese enquanto ponto de ruptura da compreensão do sujeito abriria novas possibilidades de compreensão do ente humano no campo psicanalítico.

Palavras-chave: Psicanálise. Sociogênese. Colonialismo.

* Psicólogo clínico (CRP 02/27050) e mestrando em Filosofia (PPGFil – UFPE).

5.2 MESA: PSICANÁLISE, RAÇA, COLONIALIDADE, INTERSECCIONALIDADE

Mediação: **Petra Bastone**

Data e horário: Quarta, 15/11/2023 10h00-12h00

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

É preciso "descolonizar" a Psicanálise? Aportes para um porvir psicanalítico anticolonial a partir da poética de Aimé Césaire

Caio Francisco Azevedo Souza*

E-mail: caio.f.azev@gmail.com

Resumo: Servindo-nos da produção poética do martinicano Aimé Césaire – um dos precursores do movimento literário da Negritude – como ponto de partida, a presente comunicação tem por fulcro identificar possíveis insuficiências do campo psicanalítico ao tratar da complexificação subjetiva dos sujeitos colonizados com base em sua Erlebnis marcada pela onipresença da violência. Pretendemos propor uma utilização criativa e subversiva de algumas das subvenções da Psicanálise, a partir de uma atitude crítica face às suas brechas metodológicas, para investigarmos os efeitos da colonização e os mecanismos de "liberação psíquica" desenvolvidos por estes sujeitos a fim de lidarem com o trauma de tal episódio histórico. Nos valeremos, outrossim, da ideia de alargamento da fenda da racionalidade europeia moderna, em decorrência das elaborações freudianas, sobretudo suas elucubrações em torno do conceito de inconsciente, para denunciar a irracionalidade que se manifesta nas crenças que sustentam as ideias de "civilização" e "humanismo" provenientes e orientadoras do cientificismo europeu, e demonstrar o caráter não universalizável das razões que compõe a existência dos sujeitos considerados a partir de suas particularidades. Por fim, intentaremos operar um breve desbravamento da poética de Césaire a partir da perspectiva da escuta psicanalítica, cujo enfoque não reside tão somente no que se enuncia, mas principalmente na transformação em "causa" dos fundamentos que se ausentam da enunciação.

Palavras-chave: Psicanálise. Metodologia. Anticolonialismo.

* Graduado em Direito (UFES), mestrando em História Social (USP) e em Filosofia (UNIFESP), sob orientação do Professor Tales Ab'Saber. Pesquisa sobretudo as relações entre Subjetividade, Arte e Cultura.

5.2 MESA: PSICANÁLISE, RAÇA, COLONIALIDADE, INTERSECCIONALIDADE

Mediação: **Petra Bastone**

Data e horário: Quarta, 15/11/2023 10h00-12h00

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

A construção da identidade social a partir da subjetividade: como uma análise interseccional pode revolucionar a perspectiva de estudo

Carla de Brito Nascimento*

E-mail: carla.brito@ufu.br

Resumo: O interesse desta pesquisa é investigar a condição da mulher negra na sociedade brasileira. Mais especificamente, como a identidade é formada, o condicionamento comportamental e como são vistas academicamente, tendo como ponto de inflexão a filosofia e a psicanálise. A pesquisa tem um referencial bibliográfico pautado no pensamento desenvolvido por Virgínia Leone Bicudo e Lélia Gonzalez. Dado que, ao olhar para o fenótipo, essas autoras trouxeram para o campo da análise fatores relevantes como cor e “raça” e problematizaram as desigualdades sociais presentes na sociedade. Assim, ao fazer uma análise interseccional, abordando, para tanto, as condições socioeconômicas, o gênero, o trabalho e o nível de instrução escolar aos quais as pessoas tiveram acesso, há uma expansão significativa do objetivo de pesquisa. Além disso, as autoras investigam criticamente as relações de poder que envolvem gênero, classe e sexualidade. Consequentemente, o interseccional se dá nas constatações feitas pelas autoras, ao perceber que mulheres negras refletem a respeito da sua condição de forma subjetiva. Esta esfera subjetiva é constitutiva do nosso pensamento, isto é, nossa vida emotiva e pessoal está profundamente interligada com a forma como objetivamos o mundo. Isto ocorre, porque a forma como refletimos é indissociável de quem somos enquanto sujeitos. Assim, podemos perceber que a identidade é composta por atitudes e ações, e para entender atitudes e ações como conceitos separados é necessário vislumbrar lentes de dois grupos distintos. A identidade se constitui na socialização e considerando o contexto estruturalmente racista do Brasil, carrega o problema da aceitação. As pessoas muitas vezes não têm consciência da sua exclusão e nem entendimento da dimensão do porque são excluídas. A partir disso, podemos perceber como Gonzalez reflete o complexo sistema racista brasileiro fazendo uma articulação teórica, política e epistemológica, buscando criticar as opressões e propondo o fortalecimento da identidade negra. Efetivamente, precisamos olhar com atenção não somente para a obra, mas para a vida, trajetória e escolhas feitas pelas autoras. Pois, Bicudo e Gonzalez se desenvolveram academicamente a partir de um tipo de relação ímpar, um tipo de escuta extremamente atenta e muito generosa. No sentido de compartilhar a fala com as pessoas que interagem com elas. Portanto, a lente de análise deste trabalho é delimitada pela perspectiva de mulheres negras, mas serve como ponto de partida para fazermos uma leitura do Brasil como um todo. Assim como, sobre as relações raciais e como todas as relações são estabelecidas a partir das subjetividades.

Palavras-chave: Identidade. Interseccional. Subjetividade.

* Graduanda, Licenciatura/Bacharelado em Filosofia (UFU), coordenadora do projeto de pesquisa Negrejá e coordenadora do curso de extensão Escrevivências Filosóficas.

5.2 MESA: PSICANÁLISE, RAÇA, COLONIALIDADE, INTERSECCIONALIDADE

Mediação: **Petra Bastone**

Data e horário: Quarta, 15/11/2023 10h00-12h00

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

Identidade e discurso capitalista: Os laços sociais a partir das relações étnico-raciais

Miguel José Camargo de Jezus*

E-mail: m261432@dac.unicamp.br

Resumo: A teoria dos quatro discursos elaborada por Jacques Lacan no Seminário XVII - O avesso da Psicanálise (1969/1992) estabelece-os como sendo formas de laços sociais. Esses enlaçamentos entre agente do discurso e outro, determinam posições numa estrutura que opera em movimentos de rotação. Os discursos são elencados como sendo: o do mestre, o da histórica, do universitário e do analista. Estes são formalizados a partir de matemas compostos por quatro termos, a saber: S^1 , S^2 , $\$$ e a . Posteriormente, ele formaliza um quinto discurso, o discurso capitalista como sendo uma torção no discurso do mestre (mestre moderno). Os discursos têm função de aparelhagem do gozo, na relação entre os sujeitos do inconsciente que é estruturado pela e na linguagem. Os termos dos discursos compõem cadeias significantes implicando o sujeito. Lacan afirma: "um significante é o que representa o sujeito para outro significante". Nesse sentido, os discursos operam como modos de subjetivação, pois é nesse encadeamento discursivo que emerge o sujeito. Sujeito duplamente alienado, ou seja, alienado de si a partir do processo de reconhecimento que atravessa no estádio do espelho e alienado de seu desejo. Estas dinâmicas de reconhecimento produzem o que se denomina identidade. A estrutura dos discursos, portanto, opera aparelhando esta identidade, entendida como apalavrada de seus respectivos modos de gozo. O que Lacan propõe no discurso capitalista, são sujeitos apalavrados com o capitalismo, com um imperativo do gozo que não conhece sujeitos, apenas objetos de consumo. O discurso capitalista não é capaz de fazer laços sociais, pois opera em um regime de espoliação do gozo para a produção de mais-valia (mais-de-gozar). Esta pesquisa tem investigado a possibilidade de cotejamento do conceito de discurso capitalista para leitura dos fenômenos de identificação e formação de identidade racial do sujeito no capitalismo neoliberal. Neste sentido, compreende-se esse discurso como um catalisador de formas de dominação a partir da imposição de identidades hegemônicas e solapamento das diferenças. A partir dos Seminários de Jacques Lacan entre 1968 e 1971, tem sido realizada uma entrada no debate em Filosofia Política sobre as identidades na contemporaneidade. Este diálogo é realizado a partir de Neusa Santos Souza em "Tornar-se Negro" (2021) e Isildinha Baptista Nogueira em "A cor do inconsciente: significações do corpo negro" (2021). Esta comunicação visa apresentar as possibilidades de diálogo entre a obra de Lacan e tais debates, a fim de investigar como o racismo pode operar por meio do discurso capitalista.

Palavras-chave: Jacques Lacan; discurso capitalista; identidade; Filosofia.

* Psicólogo (PUCCAMP). Mestrando em Filosofia (IFCH-UNICAMP).

6.1 MESA: MASOQUISMO, PULSÃO, CIVILIZAÇÃO

Mediação: **Izabela Loner**

Data e horário: Sexta, 17/11/2023 8h15-10h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60413

Masoquismo originário e pulsão de morte

Carolina de Souza Noto*

E-mail: carunoto@hotmail.com

Resumo: Diante das dificuldades do dualismo pulsional de Freud, trabalhamos com a hipótese de que seria possível compreender a diferença entre pulsão de vida e pulsão de morte em termos de empírico e transcendental. Essas categorias permitem pensar que o organismo, e em particular o aparelho psíquico, tem duas funções que poderiam ser metodologicamente diferenciadas: uma função transcendental de destruição e uma função empírica de construção. Se isso faz sentido, a pulsão de vida, regida pelo princípio do prazer, poderia ser pensada como uso empírico da pulsão de morte, uma espécie de versão atual e singular daquilo que em nós é o mais arcaico. Uso empírico que faz com que a vida seja uma espécie de repetição da morte; uma repetição, entretanto, que a transforma e que, no fim das contas, se desvia dela. O fenômeno do masoquismo originário, contudo, parece trazer um problema a essa hipótese. Afinal, seria também esse fenômeno um desvio da morte ou, antes, uma manifestação pura da pulsão destrutiva? É possível encontrar algum vestígio de Eros no masoquismo originário ou seria ele pura pulsão de morte? A presente comunicação procurará trazer alguns elementos para refletir sobre a função da vida e da morte no fenômeno do masoquismo originário tal como este foi apresentado por Freud.

Palavras-chave: Masoquismo originário; Pulsão de Vida; Pulsão de Morte.

* Professora adjunta do Departamento de Filosofia (UFSC); sua pesquisa atual em torno de Freud e Lacan é intitulada "A vida como repetição da morte".

6.1 MESA: MASOQUISMO, PULSÃO, CIVILIZAÇÃO

Mediação: **Izabela Loner**

Data e horário: Sexta, 17/11/2023 8h15-10h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60413

A pulsão e sua representação: uma investigação do segundo dualismo pulsional freudiano

Gustavo Campassi Salgado*

E-mail: gustavocampassipsico@gmail.com

Resumo: Este estudo ocupa-se com a transição do primeiro para o segundo dualismo pulsional, dando atenção especial ao conceito de representação (Vorstellung). Há, na obra de Freud, uma suposição a respeito da representação da morte que atesta que esta não tem lugar na vida psíquica (RAZINSKY, 2013, p. 15). Textos como "Zeitgemässes über Krieg und Tod" e "Das Ich und das Es" contêm algumas declarações pertinentes sobre a ausência de inscrição psíquica da morte. O primeiro, publicado em 1915, está situado no momento que consideramos ser o primeiro dualismo pulsional, e o segundo, publicado em 1923, está situado em um momento posterior, após a introdução do conceito de pulsão de morte (Todestrieb). Nesse segundo momento, a morte é entendida não apenas como um fenômeno, mas também como o objetivo de uma das principais pulsões, assumida em "Jenseits des Lustprinzips" como instanciando-se não apenas em relação à vida psíquica, mas também à própria vida orgânica em geral (FREUD, 1920/2020, p. 130). Em que relação podemos pensar nesse conceito e na inscrição de uma representação inconsciente de seu objetivo? Nos primeiros momentos da constituição da doutrina das pulsões (Triblehre), temos que o alcance de sua meta - a satisfação - ocorre por meio de um objeto. Este, por sua vez, está localizado psiquicamente como uma representação. Requer-se um objeto para o alcance de sua meta, ainda que a particularidade desse objeto não seja originária, mas surja no curso da história do desenvolvimento do circuito pulsional em questão. Tal característica implicará, portanto, a necessidade da representação - entendida como aquilo que configura o objeto para o psíquico - para a constituição da pulsão como tal. À luz dessa caracterização e do que foi apresentado em relação ao caráter supostamente irrepresentável da morte no aparelho psíquico, pretendo investigar possibilidades de se pensar a constituição do mesmo a partir do segundo momento dessa teoria pulsional, assumindo, como faz Hanns (1999, p. 84), que as representações constituem o próprio aparelho e, portanto, fundamentam a distinção entre as instâncias psíquicas.

Palavras-chave: Pulsão. Representação. Aparelho Psíquico.

* Bacharel em Psicologia (UFSCar). Mestrando em Filosofia (PPGFil-UFSCar), tendo realizado Estágio de Pesquisa no Exterior na Johannes Gutenberg Universität – Mainz (Alemanha) de fevereiro a julho de 2023, com financiamento da FAPESP.

6.1 MESA: MASOQUISMO, PULSÃO, CIVILIZAÇÃO

Mediação: **Izabela Loner**

Data e horário: Sexta, 17/11/2023 8h15-10h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60413

Masoquismo e civilização: um exame sobre o masoquismo moral

Helena Zoneti Rodrigues*

E-mail: helenazonetirodrigues@estudante.ufscar.br

Resumo: A presente comunicação abordará uma possível análise sobre o conceito de masoquismo em Freud a partir da nova teoria pulsional e tópica tratada no ensaio Além do princípio do prazer (1920) e O problema econômico do masoquismo (1924). Quando Freud redobra seu olhar a este termo, o masoquismo emergiria semelhante a um “mecanismo” pulsional que participa na elaboração de “uma culpa inconsciente e universal”, ou necessidade de punição do comportamento neurótico intrínseco ao Complexo de Édipo, pertencente ao Eu que extrai prazer de maneira masoquista destas punições do Supereu (o atuante sádico). A este “masoquismo”, Freud o chama de “masoquismo moral”: são punições de caráter mais impessoal e coletivo, condição suplementar entre o Eu masoquista e o Supereu sádico, resultante dos precipitados da dissolução do complexo de Édipo e das exigências do Supereu. Por conseguinte, ao observar que este compêndio do masoquismo moral pode se desvelar necessário ao advento da cultura (Kultur) e moralidade (Sittlichkeit), cabe averiguar a viabilidade ou inviabilidade de concatenar o conceito de masoquismo ao âmbito da moral. Desta forma, o masoquismo moral denotaria, como consequência de uma regressão em relação à consciência moral, um processo de ressexualização da culpa devido à relação entre Eu e Supereu. Se é possível pensar que o sentimento de culpa é marca da cultura e da civilização, mais ainda, da própria moral e “normatividade”, torna-se necessário localizar a centralidade do masoquismo naquilo de mais transgressor à civilização: o assassinato, o parricídio e o canibalismo tratados em Totem e Tabu (1912-1913) pode evidenciar, a partir da culpa destes atos violadores, o desenvolvimento e o processo da consciência moral no gênero humano. Portanto, o objetivo desta comunicação é apresentar como os temas “culpa”, “consciência moral”, “masoquismo” e “Édipo” se entrelaçam.

Palavras-chave: Masoquismo. Complexo de Édipo. Masoquismo moral.

* Mestranda em Filosofia (UFSCar). Bolsista CAPES.

6.1 MESA: MASOQUISMO, PULSÃO, CIVILIZAÇÃO

Mediação: **Izabela Loner**

Data e horário: Sexta, 17/11/2023 8h15-10h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60413

Pulsão de morte auf einem anderer Schauplatz

Inara Luisa Marin*

E-mail: inara.marin@gmail.com

Resumo: Muito já foi dito sobre a pulsão de morte na Teoria Crítica. Esse conceito foi, majoritariamente, lido como uma pulsão agressiva e/ou destrutiva. Como uma consequência dessa leitura, há duas formas de encontrar a pulsão de morte nas teorias críticas: por um lado, o modo clássico representado por Adorno, Horkheimer, Marcuse e, mais recentemente, Whitebook, em que ela é vista como o fator que dá à psicanálise sua face de negatividade; por outro lado, um modo que leva ao desprezo da função nuclear da pulsão de morte na teoria psicanalítica, em nome da normatividade, como ocorre em Fromm e Honneth. O que proponho nesta apresentação é, a partir de uma comparação das obras de Freud, Recordar, repetir e elaborar (1914) e Além do princípio do prazer (1920), apresentar uma nova forma de apropriação do conceito de pulsão de morte para produzir uma teoria crítica atual. Isso significa não considerar o Wiederholungszwang como apenas um imperativo para a coerção, mas também uma compulsão à repetição. Acredito que, ao propor essa leitura da pulsão de morte (como foi proposta por Freud em 1920), é possível amplificar a gama de possíveis conexões entre a psicanálise e a Teoria Crítica, que mantém um lado da negatividade, sem perder sua normatividade. Gostaria de retornar para a leitura desse conceito visando seguir – agora em face de um outro diagnóstico – a pista da tentativa de Adorno e Horkheimer de construir uma nova antropologia crítica.

* Professora colaboradora do Departamento de Filosofia (UNICAMP).

6.2 MESA: PSICANÁLISE E FENOMENOLOGIA

Mediação: **Caio Padovan**

Data e horário: Sexta, 17/11/2023 10h00-12h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60413

Psicanálise e arqueologia: Uma leitura merleau-pontyana

Renato dos Santos*

E-mail: renatodossantos1@hotmail.com

Resumo: Encontramos na psicanálise de Freud e Lacan, bem como na filosofia de Merleau-Ponty, um estatuto de sujeito que somente pode existir porque, antes de qualquer coisa, sua existência está situada quer seja na natureza ou na cultura. A maneira como entendemos a subjetividade humana implica diretamente no tratamento de várias questões ligadas a ela, tal como a ética, a política, a alteridade, o desejo, as relações entre diferentes culturas e assim por diante. Por esta razão é que propomos uma investigação arqueológica para compreender a constituição do sujeito, sua relação primordial com o mundo e com os outros. Era este, aliás, o método que Freud desenvolveu na psicanálise ao retornar nos primórdios da vida de um paciente para tentar entender a gênese dos sintomas. Como muito bem notou Merleau-Ponty: “as metáforas energéticas ou mecanicistas guardam contra toda idealização o limite de uma intuição que é uma das mais preciosas do freudismo: aquela de nossa arqueologia”. O leitor do filósofo provavelmente perceberá que este método lembra muito ao lema da fenomenologia de “voltar às coisas mesmas”, retornar às raízes da existência para melhor compreendê-la. Mas convém perguntarmos por que, afinal, a fenomenologia e a psicanálise tem a contribuir para pensarmos um outro estatuto ao sujeito? É o que responderemos em nossa exposição.

Palavras-chave: Psicanálise. Arqueologia. Sujeito.

* Doutor em Filosofia (Universidade de Coimbra e PUCPR).

6.2 MESA: PSICANÁLISE E FENOMENOLOGIA

Mediação: **Caio Padovan**

Data e horário: Sexta, 17/11/2023 10h00-12h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60413

Daseinspsicanálise: fundamentos e práxis clínica

Manuel Moreira da Silva*

E-mail: immanuelmoreyra@gmail.com

Renato dos Santos**

E-mail: renatodossantos1@hotmail.com

Resumo: Encontramos na psicanálise de Freud e Lacan, bem como na filosofia de Merleau-Ponty, um estatuto de sujeito que somente pode existir porque, antes de qualquer coisa, sua existência está situada quer seja na natureza ou na cultura. A maneira como entendemos a subjetividade humana implica diretamente no tratamento de várias questões ligadas a ela, tal como a ética, a política, a alteridade, o desejo, as relações entre diferentes culturas e assim por diante. Por esta razão é que propomos uma investigação arqueológica para compreender a constituição do sujeito, sua relação primordial com o mundo e com os outros. Era este, aliás, o método que Freud desenvolveu na psicanálise ao retornar nos primórdios da vida de um paciente para tentar entender a gênese dos sintomas. Como muito bem notou Merleau-Ponty: “as metáforas energéticas ou mecanicistas guardam contra toda idealização o limite de uma intuição que é uma das mais preciosas do freudismo: aquela de nossa arqueologia”. O leitor do filósofo provavelmente perceberá que este método lembra muito ao lema da fenomenologia de “voltar às coisas mesmas”, retornar às raízes da existência para melhor compreendê-la. Mas convém perguntarmos por que, afinal, a fenomenologia e a psicanálise tem a contribuir para pensarmos um outro estatuto ao sujeito? É o que responderemos em nossa exposição.

Palavras-chave: Psicanálise. Arqueologia. Sujeito.

* Psicanalista, membro fundador e Coordenador Geral da Sociedade Brasileira de Daseinspsicanálise-Instituto de Daseinspsicanálise, SBDp-ID; professor e pesquisador vinculado ao Departamento de Filosofia (Unicentro/PR); docente externo ao PPGF Unesp/Marília, corresponsável pela disciplina Tópicos Especiais de Metafísica Pós-Moderna.

** Doutor em Filosofia (PUCPR). Psicanalista em formação. Membro da Sociedade Brasileira de Daseinspsicanálise.

6.2 MESA: PSICANÁLISE E FENOMENOLOGIA

Mediação: **Caio Padovan**

Data e horário: Sexta, 17/11/2023 10h00-12h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60413

A criança vista pelo adulto: em que medida podemos aplicar a Psicanálise aos estudos das relações sociais para Merleau-Ponty

Daniel Cardozo Severo*

E-mail: dcsevero@gmail.com

Resumo: Por volta do primeiro semestre de 1950, Merleau-Ponty professou o curso “A criança vista pelo adulto” na Sorbonne, na qual questiona em que medida podemos aplicar a Psicanálise aos estudos das relações sociais. O curso de nosso tema é o segundo curso de um conjunto de oito, reunidos e intitulados de “Psicologia e Pedagogia da Criança”. Neles, o filósofo realiza, sustentado pelo método fenomenológico, uma série de pesquisas. Elas possuem um conjunto de objetos de estudos, todos envolvendo ambas as Ciências, Psicologia e Pedagogia, e suas relações com a Filosofia, tornando-se ou retornando, assim, a serem problemas filosóficos. No caso do curso do tema em questão, seu objeto de investigação é a Pedagogia, vista pelo autor como uma Ciência subordinada a Psicologia (principalmente a da criança), por um lado, e a moral (porque supõe valores preestabelecidos que não questiona, mas os aplica), por outro. A Psicanálise surge nesse contexto de pesquisa para elucidar ambas as subordinações da Pedagogia. A elucidação promovida pela Psicanálise ao tema promove reflexões ao filósofo que evidenciam os problemas que a Pedagogia representa, isto é, ela realiza, tanto como subserviente a Psicologia quanto a moral, uma visão tecnicista de e do mundo. Ou seja, ela recusa à criança toda a significação existencial, e filosófica, e a reduz a um problema meramente técnico. Logo, para Merleau-Ponty, essa realização torna-se um problema situado entre a Filosofia e a Psicologia, e a Psicanálise possui uma posição ambígua frente a ele. Aos olhos do filósofo, ela pode ser tanto uma saída e solução ao problema – se depurada de seus prejuízos clássicos, quanto mais uma realização do mesmo – se não abrir mão dos mesmos prejuízos.

Palavras-chave: Filosofia da Psicanálise. Merleau-Ponty. Psicanálise.

* Doutor em Filosofia (UNIFESP). Professor da Universidade de Taubaté na cadeira de Psicanálise e Professor de Filosofia na Faculdade Dehoniana.

6.2 MESA: PSICANÁLISE E FENOMENOLOGIA

Mediação: **Caio Padovan**

Data e horário: Sexta, 17/11/2023 10h00-12h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60413

O naturalismo de Freud como uma restrição inicial à aproximação da fenomenologia

Cristian Marques*

E-mail: cristianmq@gmail.com

Resumo: O objetivo deste trabalho é pensar de que modo o naturalismo presente na obra de Sigmund Freud poderia ser um impeditivo *prima facie* para a articulação teórica entre psicanálise e fenomenologia, haja vista uma das oposições mais ferrenhas de Edmund Husserl foi contra o naturalismo. Tal objetivo de investigação está dentro de uma problemática mais ampla que é o da possibilidade de pontos de convergência e os limites da aproximação entre a psicanálise de Freud e a tradição fenomenológica. Parte-se de um questionamento feito por Luiz Roberto Monzani de que as filosofias que pretenderam diálogo ou aproximação com a psicanálise a deformaram de certa maneira, por submetê-la a adaptações e ajustes a fim de adequá-la àquelas filosofias. Isto é, uma espécie de exploração teórica por parte destas filosofias em diálogo com a psicanálise. Ao mesmo passo, observa-se diversos filósofos ligados ao movimento fenomenológico buscarem diálogo com a psicanálise (De Waelhens, Merleau-Ponty, Sartre, Ricoeur, Michael Henry), embora o próprio Edmund Husserl repudiasse tal aproximação. Com isso, leva-se em conta ainda o argumento de Monzani de que a diversidade de influências de Freud é decisiva para colocar seu naturalismo em perspectiva, i.e., afastando seu naturalismo do legado positivista e mecanicista de seu tempo, na direção do que Richard Simanke chamou de um naturalismo qualificado.

Palavras-chave: Fenomenologia. Psicanálise. Naturalismo. Freud.

* Doutor em Filosofia (PUCRS), pós-doutorando na mesma instituição.

6.2 MESA: PSICANÁLISE E FENOMENOLOGIA

Mediação: **Caio Padovan**

Data e horário: Sexta, 17/11/2023 10h00-12h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60413

Encontros entre o olhar, a per(forma)nce e a psicanálise

Vivian Maia Reis*

E-mail: vreis.rj@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho pretende analisar, assim como estabelecer uma relação entre a psicanálise e a filosofia, articulando a performance como linguagem, que pode ser pensada como uma vicissitude interessante para a investigação do sujeito, articulando com a percepção do olhar a ser experienciado em Merleau-Ponty e do corpo para a psicanálise. Fomentando assim, as dimensões acerca do corpo e da imagem na formação da subjetividade, pelas experiências. No mundo das artes, a performance surge a partir da segunda metade do século XX, em decorrência de desdobramentos da *pop art* e da arte conceitual nos anos 60 e 70. Incluindo também, as relações com movimentos modernistas antigos, como o dadaísmo e a Escola de Bauhaus. A arte contemporânea aparece como uma nova forma de produzir e apreciar a arte. Está enlaçada também ao happening e, muitas vezes, os termos são descritos como sendo a mesma coisa. A performance seria quando o artista apresenta uma cena em que normalmente utiliza seu corpo como suporte enquanto os espectadores observam; já no happening o público tem o costume de participar também da ação. A arte performática, tem uma linguagem híbrida, misturando elementos do teatro, artes visuais, instalação, música, entre outros. Seus registros de ação podem acontecer por meio de fotografias e vídeos, mas o caráter da obra é efêmero e o corpo pode ser um instrumento de ação artística. Atualmente, a performance tem aparecido como um modo de linguagem para a expressão de algumas manifestações do sujeito contemporâneo. Pensando na performance como linguagem, podemos articular com a psicanálise, teorias acerca do corpo e da imagem na formação da subjetividade contemporânea. O filósofo francês Maurice Merleau-Ponty considerou em sua teoria reflexões sobre a fenomenologia, movimento filosófico segundo o qual, assim que algo se revela frente à consciência humana, o homem primeiramente o observa e o percebe em completa conformidade com sua forma, do ponto de vista da sua capacidade perceptiva. Para Merleau-Ponty, o eu pode ser pensado como uma experiência dentro de um contexto de relações que ocorrem por uma dimensão inconsciente, aproximando-se assim, da teoria Freudiana, considerando que a pulsão é um conceito fronteiro entre a psique e o somático. As investigações implementadas por Merleau-Ponty em suas primeiras obras, a estrutura do comportamento (1942) e fenomenologia da percepção (1945), revelaram que as dicotomias entre alma e corpo, como se pensou nas abordagens clássicas, não dão conta de explicar a natureza do fenômeno da existência. Permeando pela metodologia bibliográfica, o objetivo deste artigo, é articular a percepção do olhar em Merleau-Ponty e do corpo para a psicanálise.

Palavras-chave: Psicanálise, performance, linguagem, percepção, filosofia.

* Universidade Veiga de Almeida (UVA)

7.1 MESA: PSICANÁLISE E TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO

Mediação: **Petra Bastone**

Data e horário: Sexta, 17/11/2023 8h15-10h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60405

O conceito de meio na Psicanálise Desenvolvimentista de Bowlby no Pós Segunda-Guerra

Kaira Neder*

E-mail: nederkaira@gmail.com

Resumo: Na perspectiva de Filosofia e História da Ciência de Canguilhem e Foucault, os conceitos de meio e vida como noções biológicas emergiram entre os séculos XVIII-XIX. Inúmeras discontinuidades perpassaram as definições de meio desde o seu surgimento na mecânica. Deter-nos-emos em duas dessas definições: a do pioneiro da etologia Jakob Von Uëxkull (Umwelt), já analisada por Canguilhem, que encontra suas raízes na biologia; e a elaborada por John Bowlby, criador da Teoria do Apego, de caráter híbrido entre psicanálise, etologia e teorias comportamentais. A aproximação de Bowlby com a etologia (com o intuito de promover a psicanálise a um estatuto “mais científico”) e a relação de ambos os teóricos com Konrad Lorenz nos autorizaria uma análise comparativa. Essa análise poderia ser útil ao avaliar a hipótese aviltada por Nikolas Rose: a de que no período do pós-guerra, com a difusão da psicanálise em órgãos governamentais, na mídia e serviços de saúde infantil, o que antes nos discursos sobre o meio ideal da criança se resumia ao ambiente físico e aos cuidados corporais passou a abranger também prescrições sobre aspectos socioemocionais e psíquicos do meio de desenvolvimento da criança. Teria Bowlby expandido de modo indireto (pelo contato com Lorenz) a proposição de ciclos funcionais de Uexküll (do habitat, da nutrição, do inimigo, do sexo) ao propor a existência de um sistema comportamental de apego (ciclo afetivo)? É sabido que Bowlby buscou na etologia argumentos para contrapor uma questão psicanalítica (hipótese freudiana do cupboard love) e “substituir” a teoria do Trieb freudiano. Em que medida a incorporação de um ciclo funcional de apego - um componente temático derivado da teoria psicanalítica - nos forneceria pistas da transformação sobre as teorias sobre a interação organismo-meio no contexto do pós-guerra? Uma análise conceitual de ambas as teorias poderia suscitar contribuições nesse sentido.

Palavras-chave: Infância. Meio. Psicanálise.

* Psicóloga/Mestre em Psicologia (FFCLRP-USP.) Doutoranda em História (FFCL-UNESP).

7.1 MESA: PSICANÁLISE E TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO

Mediação: **Petra Bastone**

Data e horário: Sexta, 17/11/2023 8h15-10h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60405

Corpo e Ego na Teoria do Desenvolvimento Infantil de René Spitz

Michelle Vianna Goliath*

E-mail: michelle.goliath@ich.ufjf.br

Resumo: A teoria do desenvolvimento de René Spitz foi uma das primeiras a descrever os marcos desenvolvimentais observáveis no meio psicanalítico. No entanto, sua presença vem desaparecendo dos currículos acadêmicos. Frente a isso, esta comunicação objetiva o resgate da teoria do desenvolvimento de Spitz, por meio da descrição de suas contribuições, contexto histórico e conceitos. R. Spitz foi um dos expoentes da escola da Psicologia do Ego, que tinha como fundadora Anna Freud. A teoria do desenvolvimento proposta por ele, apesar de guardar semelhanças com os autores da Psicologia do Ego, tem suas particularidades, principalmente por ter derivado de uma metodologia que objetivava aproximar-se da Psicologia Experimental. O desenvolvimento, para Spitz, começa a partir do nascimento, na fase de não diferenciação, e passa por três organizadores da psique, sinalizados pela resposta sorriso (que ocorre dos 3 aos 6 meses de idade), a ansiedade dos oito meses (dos 6 aos 8 meses de idade) e o uso correto do não (dos 12 aos 18 meses). Esses organizadores são marcos do desenvolvimento que evidenciam o aparecimento de capacidades específicas a cada uma das fases propostas. O papel do corpo nesse processo de desenvolvimento é tão importante quanto as relações objetais gradualmente adquiridas pelo bebê, sendo descritos e colocados em foco a cada fase apresentada. Tais ganhos corporais são essenciais no processo de aquisição da linguagem. Spitz identifica, ainda, o desenvolvimento com uma formação inicial do ego, desde o narcisismo primário à possibilidade de relação com objetos. A teoria proposta por ele abarca do nascimento até os 18 meses de idade, quando se estabelece o terceiro organizador da psique, a capacidade de comunicação gestual e/ou verbal.

Palavras-chave: Desenvolvimento Infantil. História da Psicanálise. René Spitz.

* Doutoranda e Mestra em História e Filosofia da Psicologia (UFJF).

7.1 MESA: PSICANÁLISE E TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO

Mediação: **Petra Bastone**

Data e horário: Sexta, 17/11/2023 8h15-10h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60405

Apego: Teoria Psicanalítica (?)

Michelle Vianna Goliath*

E-mail: michelle.goliath@ich.ufjf.br

Resumo: Edward John Mostyn Bowlby (1907-1990), psiquiatra e psicanalista inglês, era parte de um grupo de pesquisadores e clínicos ditos “independentes”, por não se filiarem às correntes anna-freudianas ou kleinianas. O autor defendia que o meio ambiente tinha maior influência na formação da psique dos indivíduos do que se reconhecia nos círculos psicanalíticos, mais preocupados com impulsos e fantasias e menos com a realidade propriamente dita. Bowlby rejeitava as explicações da Psicologia do Ego em relação à conexão da mãe com o bebê, que seria proveniente da alimentação e da satisfação de outras necessidades – o que ele denomina jocosamente de cupboard love. Segundo ele, a relação com a mãe, ou o apego à mesma, seria algo inato, pois esta proximidade forneceria originariamente proteção contra predadores, e reconhecer sua origem evolucionária seria fundamental para sua compreensão. Por seu trabalho, recebeu muitas críticas de psicanalistas ao longo dos tempos. O argumento mais repetido era de que Bowlby teria interpretado errado conceitos psicanalíticos fundamentais, principalmente em seu trabalho sobre o luto infantil. Alguns dos críticos foram Anna Freud, René Spitz e, mais recentemente, Otto Kernberg. O conhecido médico de Freud, Max Schur, criticava também o uso que Bowlby fazia de conceitos etológicos, que segundo ele eram indevidos, uma vez que eram inconciliáveis com a psicanálise, e que o projeto de Bowlby de reescrever a disciplina à luz da etologia era duvidoso. Por outro lado, Bowlby era um autor interdisciplinar, tendo colaborado com cientistas de várias áreas do conhecimento, e mais de perto com os psicólogos Harry Harlow e Mary Ainsworth. Ambos autores tinham críticas à psicanálise, e por vezes questionaram o motivo de Bowlby ainda utilizar a teoria como base para o apego. Ainda assim, Ainsworth, junto à Bowlby, reconheceu o valor da psicanálise para o tratamento de doenças psicogênicas, mas apontava para uma dificuldade de ser usada como base para pesquisas científicas. Uma das críticas de Bowlby a seus colegas psicanalistas era a de que falhavam em buscar evidências robustas que apoiassem as formulações psicanalíticas. Recentemente, tem-se evidenciado o valor do trabalho de fertilização cruzada realizado por Bowlby, que por um lado enriqueceu a própria psicanálise com a etologia, e a etologia com a psicanálise. Considerando-se as questões mencionadas acerca da teoria do apego, o objetivo da proposta de pesquisa a ser apresentada é averiguar se o trabalho do autor pode ou não ser considerado uma teoria psicanalítica.

Palavras-chave: Teoria do Apego. John Bowlby. Psicanálise.

* Doutoranda e Mestra em História e Filosofia da Psicologia (UFJF).

7.1 MESA: PSICANÁLISE E TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO

Mediação: **Petra Bastone**

Data e horário: Sexta, 17/11/2023 8h15-10h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60405

Notas sobre o conceito de Hospitalidade

Amanda Malerba*

E-mail: unifesp.amanda@gmail.com

Resumo: É possível analisar em obras clássicas como a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero de que forma a noção de hospitalidade é importante para a constituição dos valores sociais e individuais da sociedade grega clássica. Foi considerado um traço de civilidade manter a integridade física e social do viajante a ser hospedado, o que demonstra o entendimento da hospitalidade como um ideal homérico de proteção entre o anfitrião e aqueles que não pertencem à sua comunidade. A traição da hospitalidade de Menelau por parte de Paris é um dos argumentos utilizados para o início da Guerra de Tróia (I, vv. 148-171). Em um episódio (VI, vv. 215-231), Glauco, guerreiro lício aliado dos troianos, encontra Diomedes, um herói aqueu, no meio do campo de batalha e eles dialogam antes de lutar. O diálogo é inspirador para a pesquisa sobre políticas de hospitalidade e integração, pois ambos os guerreiros decidem não brigar, uma vez que suas famílias já foram aliadas e prometem que serão anfitriões um do outro no futuro. Dessa forma, o legado da hospitalidade revela-se como a solução de um conflito ao possibilitar que dois indivíduos reconheçam suas diferenças e semelhanças, além de seus desejos de receber, entreter e abrigar um ao outro. Por esse motivo, a pesquisa buscará investigar o conceito de hospitalidade em relação das imagens criadas sobre a figura do estrangeiro, relacionando a genealogia do termo hospitalidade ao pensamento de Sigmund Freud, no que tange a questão da formação da identidade individual e, conseqüentemente, a identidade nacional. De acordo com Freud, enquanto os sujeitos constroem suas personalidades identificando-se com aspectos que fazem parte de um coletivo, eles também identificam aspectos que não fazem parte de tal coletivo ao qual eles pertencem e os classificam como "outros".

Palavras-chave: Hospitalidade, *Ilíada*, Freud.

* Doutoranda (Institut für Philosophie da Universidade de Hildesheim), Mestra em Filosofia (UNIFESP). Membro e secretária do Grupo de Trabalho 'Filosofia e Psicanálise' da ANPOF, desenvolve pesquisas nas áreas de Filosofia Social, Filosofia e Psicanálise e Filosofia Alemã Contemporânea.

7.1 MESA: PSICANÁLISE E TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO

Mediação: **Petra Bastone**

Data e horário: Sexta, 17/11/2023 8h15-10h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60405

O Romance Familiar em Freud e Rank

Ana Tércia Rosa Alves*

E-mail: ana.tercia@ufms.br

Resumo: O texto "O romance familiar dos neuróticos", de Sigmund Freud, foi publicado primeiramente no livro "O mito do nascimento do herói" de Otto Rank em 1909, sem título e sequer formava uma seção separada, ele apenas foi incluído no meio do texto do Rank com algumas palavras de agradecimento. Rank, que estava analisando os estereótipos de lendas de heróis e comparando os sonhos cotidianos com os mitos clássicos, afirma em seu livro que Freud estava compartilhando sua experiência no âmbito da investigação psicológica da neurose, apresentando informações importantes a respeito da vida imaginativa das crianças. Rank observa paralelismos entre o romance familiar e o mito do herói, fazendo uma analogia entre o eu da criança e o herói mítico, pois visualizava os mitos como sonhos coletivos que concretizam a realização dos nossos desejos infantis. Portanto, o presente trabalho possui o objetivo de investigar como o romance familiar é apresentado por Freud em seu texto, e como ele será apropriado por Otto Rank, que o utilizará para explicar o "tema do abandono", uma narrativa muito utilizada por mitologias de diferentes culturas, e que foi profundamente analisada por Rank no decorrer de seu livro.

Palavras-chave: Romance Familiar. Freud. Rank.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

7.2 MESA: PSICANÁLISE E QUESTÕES CLÍNICAS

Mediação: **José Henrique Parra Palumbo**

Data e horário: Sexta, 17/11/2023 10h00-12h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60405

Em busca da realidade das neuroses

Lucas Valiati*

E-mail: lvaliati@hotmail.com

Resumo: Ao leitor de Freud, não é surpresa o fato de que o termo Realidade (Realität, raras vezes Wirklichkeit) seja perene no texto freudiano. Este desempenha um papel articulador desde os primeiros escritos de Freud, os quais envolviam a fundamentação da psicanálise, como Projeto para uma psicologia (1895), até suas derradeiras produções, como no Esboço de psicanálise (1938). Com efeito, ainda que se apresente durante toda a sua obra, o termo não foi conceituado por Freud de maneira propositiva e muito menos recebeu uma circunscrição satisfatória do autor. Assim, não é considerado um conceito objetivamente determinado pelos estudiosos da área. Notamos que a literatura produz e investiga uma série de conceitos relacionados diretamente com a noção de Realidade, como teste de realidade, princípio de realidade, fantasia ou realidade psíquica, não obstante, observamos que investigações diacrônicas sobre a Realidade são raras e a noção de Realidade surge comumente subordinada e restrita em relação a determinados conceitos. Destarte, a presente comunicação tem como objetivo examinar o estatuto da Realidade num primeiro momento de elaboração da psicanálise, isto é, de 1893 até 1897, nas investigações iniciais sobre as neuroses, histerias e o “descobrimento da teoria da sedução”. Portanto, temos como meta investigar o papel que a Realidade exerce neste período do texto freudiano, seja ele de índice concreto do mundo externo, seja ele como uma concepção de realidade psíquica.

Palavras-chave: Realidade, Neuroses, Freud, Filosofia, Psicanálise.

* Mestrando em Filosofia da Psicanálise (UFSCar).

7.2 MESA: PSICANÁLISE E QUESTÕES CLÍNICAS

Mediação: **José Henrique Parra Palumbo**

Data e horário: Sexta, 17/11/2023 10h00-12h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60405

Transferência e figuração: uma possível aproximação

Pedro Fernandez de Souza*

E-mail: pedrofsouza@gmail.com

Resumo: O conceito de transferência é central no campo psicanalítico. Nossa palavra “transferência” traduz a Übertragung alemã, relativa ao verbo übertragen (“transferir”). O campo semântico do termo alemão, contudo, comporta sentidos não abarcados pelo termo português. Nos Estudos sobre a histeria, ao descrever as inervações histéricas, Freud diz que elas por vezes apresentam, impressa no corpo, uma bildliche Übertragung (“expressão figurada”). Pelo dicionário, aprendemos que “em sentido figurado” em alemão pode-se dizer: im übertragenen Sinn – literalmente: “em sentido transferido”. Assim, pode-se trabalhar a transferência como uma figuração, em sentido retórico. Na Interpretação dos sonhos, Freud emprega muito o termo Übertragung, não em seu sentido clínico, mas num sentido mais genérico, ao analisar a transferência dos “valores psíquicos” das representações inconscientes que, para escapar à censura, são deslocados para outras representações. Autores como Benveniste e Certeau viram em Freud uma revivescência da retórica, pois no trabalho onírico operariam figuras de linguagem, transformando o conteúdo latente no conteúdo manifesto do sonho. Num dos sonhos de Dora, o fogo representa a umidade presente em diversas das suas fantasias inconscientes. Aqui, “fogo” está no lugar de “água”, caracterizando a figura da antítese para a retórica; a transferência do valor de “água” para “fogo” seria a criação de uma figura, constituinte dos processos oníricos. Pode-se estender isso para a transferência clínica: quando o paciente trata o psicanalista comotrataria seu pai, por exemplo, ele está tomando o primeiro pelo segundo, está efetuando uma figura de linguagem com ele. É como se o paciente tratasse “fogo” como se ele realmente fosse “água”. Pensando-se assim, podem-se abrir novos caminhos para se pensar a linguagem em Freud, pois, diferentemente das figuras da retórica, as figuras da Übertragung freudiana se fazem não no discurso falado ou escrito, mas sim porque algo não pode ser posto em palavras.

Palavras-chave: Transferência. Figura de linguagem. Deslocamento.

* Doutorando em Filosofia da Psicanálise (UFSCar).

7.2 MESA: PSICANÁLISE E QUESTÕES CLÍNICAS

Mediação: **José Henrique Parra Palumbo**

Data e horário: Sexta, 17/11/2023 10h00-12h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60405

A angústia para além das normatividades psicologizantes

Fábio Augusto Rainer Dantas de Mello Silva*

E-mail: pedrofsouza@gmail.com

Antonio Marcos Rosa Leal**

E-mail: marcosleale@hotmail.com

Resumo: Ao afirmar que a angústia se refere a um eixo onde o espelho não opera, ou seja, onde não há espelho a imagem desaparece, e a angústia seria o sinal da presença daquilo que fragmenta as demarcações do eu, e que tal afeto provocaria a queda de todas as identificações, por conseguinte, daquilo que suporta o eu, é uma afirmação nos moldes da psicopatologia, reduzindo o fenômeno da angústia a uma mera anomalia conceitual. Para Darriulat (2019), olhar nos olhos do Outro, estar diante do seu desejo enigmático, implica ou anuncia algo do desaparecimento da própria imagem: “no olho-espelho do monstro, o sujeito metamorfoseado se vê aniquilado pela ausência de seu reflexo” (p. 15). Diante do olhar do monstro, lá onde o Outro pode operar como espelho, a imagem do corpo - isso que desempenhou um papel tão preponderante para o sujeito - desaparece, ele não é mais capaz de se ver. Será que ao esperar sempre do Outro a afirmação de si, não implica uma falta de responsabilidade do eu, ocasionando um vitimismo determinista? Será que ao tomar o conceito de Angústia como dado a priori, não reduz a relação eu vs imagem a uma mera tautologia? E qual seria o “eu” que se materializa nos textos psicanalíticos, o eu produto de uma cultura temporalizada, cronológica, ou, o sujeito do inconsciente, atemporal, lógico? Buscar-se-á aqui discutir a constituição do eu e a epistemologia do constructo angústia ancorados no existencialismo heideggeriano. Em Heidegger “angustiar-se abre, de maneira originária e direta o mundo como mundo” (p.97), aqui a angústia longe de ser um phatos é uma condição especial do Dasein. É escopo do presente trabalho afastar a concepção patológica invocada por algumas correntes psicanalistas e apresentar a angústia enquanto uma possibilidade de liberdade do eu assumir “escolher a si mesmo”. Onde costuma-se ver fraturas do eu enquanto uma afecção, Heidegger afirma ser a possibilidade do angustiar-se a causa de produzir no eu uma singularidade. E ao singularizar o eu a angústia retira-o da massificação igualitária de rebanho, lançando o Dasein ao mundo das contingências, assim onde via-se uma desconstrução de suas bases por agentes outros, o eu em Heidegger é responsável pelo seu devir-a-ser.

Palavras-chave: Psicanálise. Angústia. Heidegger.

* Psicólogo, Docente, coordenador do curso de graduação em psicologia Anhanguera/Guarapari-ES.

** Psicólogo.

7.2 MESA: PSICANÁLISE E QUESTÕES CLÍNICAS

Mediação: **José Henrique Parra Palumbo**

Data e horário: Sexta, 17/11/2023 10h00-12h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60405

Reflexões psicanalíticas sobre o suicídio na idade adulta jovem (20-40 anos)

Elaine Cristina da Fonseca Costa Pettengill*

E-mail: elaine.pettengill@unigran.br

Heloísa Bruna Grubits**

E-mail: rf5465@ucdb.br

Resumo: Considerada pela literatura como uma fase que requer recursos psicológicos suficientes que permitam atender satisfatoriamente às demandas deste período da vida, comportamentos e habilidades ainda não conquistados em etapas anteriores do desenvolvimento podem vulnerabilizar o jovem adulto a desajustes psicoemocionais. Neste estudo, discute-se a partir da Psicanálise, sobre fatores de risco ao suicídio na idade adulta jovem, tendo em vista o alto índice deste evento (mais de 700 mil pessoas anualmente), sendo a quarta maior causa de mortes de jovens de 15 a 29 anos de idade, conforme dados da Organização Mundial de Saúde. Trata-se de pesquisa de Revisão Narrativa cuja discussão do tema em questão se fez a partir de obras clássicas da Psicanálise e trabalhos publicados nos últimos 5 anos. Entre os fatores de risco ao suicídio na idade adulta jovem, evidenciados pela literatura consultada, destacam-se: lutos mal elaborados e patológicos; histórico de tentativa de suicídio e sucessivas experiências do “terror sem nome”; intensos sentimentos de desamparo e ansiedade de separação; impulsividade e instabilidade afetiva; dependência emocional e necessidade de aprovação da família, dificultando ao jovem desfrutar suas conquistas e autonomia; relacionamentos afetivos descritos como tóxicos ou abusivos, com sobrecarga de expectativas e exigências de afeto e proteção infantis atualizados na relação com o (a) parceiro (a). Estas relações afetivas tendem a fragilizar a saúde mental do adulto jovem expondo-o ao suicídio como forma de obtenção de alívio para seu sofrimento. Conclui-se que o risco de suicídio nesta faixa etária é resultado de uma complexa rede de fatores que se entrelaçam e vulnerabilizam o sujeito a este tipo de ocorrência, como aqueles que podem ser compreendidos e situados a nível da qualidade das relações afetivas e das condições para o desenvolvimento da personalidade ao longo da infância e da adolescência.

Palavras-chave: Adulto Jovem. Psicanálise e Suicídio. Saúde mental e Psicanálise.

* Psicólogo, Docente, coordenador do curso de graduação em psicologia Anhanguera/Guarapari-ES.

** Psicólogo.

7.2 MESA: PSICANÁLISE E QUESTÕES CLÍNICAS

Mediação: **José Henrique Parra Palumbo**

Data e horário: Sexta, 17/11/2023 10h00-12h00

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60405

Eu falo...: materialismo da linguagem e satisfação sexual

Davi Dias Ribeiro Arantes*

E-mail: davidias0102@hotmail.com

Resumo: Quando Lacan, n'º seminário XI, menciona que: “por enquanto, eu não estou trepando, eu lhes falo, muito bem!, eu posso ter a mesma satisfação que teria se eu estivesse trepando”, aí está uma das questões centrais da psicanálise lacaniana, que impacta na medida em que coloca a satisfação na fala como (exatamente) igual à satisfação sexual, em última instância, sendo ela mesma sexual. Essa afirmação está de encontro com a formulação de que o inconsciente pensa, e é nesse sentido que Zupančič elege como problema filosófico (e psicanalítico) a questão: o que é sexo? A satisfação na fala implica uma racionalidade, e isso não significa rebaixamento da atividade intelectual, mas, pelo contrário, uma compreensão da sexualidade como atividade intelectual. Por isso, há satisfação sexual quando “eu falo...”. O falo em Lacan (significante que permite a homofonia e homografia com a conjugação do verbo falar, na língua portuguesa), por sua vez, pode ser compreendido como ponto essencial para pensar o campo do simbólico, e a linguagem, e ocupa um lugar de negatividade nessa ordem. Assim, propõe-se a reflexão, a partir do ensino de Lacan e sua abertura para com a filosofia, aqui mediada por autores da Escola Eslovena, um materialismo da linguagem (e do simbólico) tomando como partida a reflexão sobre satisfação sexual, ou seja, pensar o que é o sexo, a partir de Lacan, e suas relações materialistas com a linguagem. Alguns exemplos podem servir para pensar as hipóteses do sexo como atividade racional e a relações materialistas com a linguagem. O primeiro é a imagem do bebê que chupa o polegar, o porquê de ser vista como sexual está justamente na razão de que se trata de uma atividade elaborada somente pelo prazer, não há representação; outro exemplo está nas obras de Freud, quando relata o esquecimento do nome próprio Signorelli, e, resumidamente, percebe-se que o que é reprimido altera a lógica e aparência do que é falado, mas não interrompe a cadeia significante. Sugere-se então que há uma falta constitutiva da ordem simbólica, percebida na linguagem, uma falta, nos termos de Lacan, do significante da relação sexual, que ordena positivamente, pela negatividade, o que se manifesta no campo. Por fim, Hegel pode contribuir, como Žižek aponta, ao oferecer meios de pensar um materialismo desmaterializado, com uma alteridade radical, externo ao sujeito e de determinações conceituais, de modo que não se alcança uma estrutura pura, última e totalmente realizada.

Palavras-chave: Materialismo. Linguagem. Sexo.

* Bacharel em direito, mestrando em filosofia (PPGFil UERJ). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 88887.837740/2023-00.

Localização



MESAS E CONFERÊNCIAS

Mesa 1.1

Local: Bloco 6, Sala de Aula: 60414

Cidade Universitária – Campo Grande S01 - Setor 01 01.06 - Bloco 06 **01.06.004**

Mesa 1.2

Local: Bloco 6, Sala de Aula: 60414

Cidade Universitária – Campo Grande S01 - Setor 01 01.06 - Bloco 06 **01.06.004**

Mesa 2.1

Local: Bloco 15, Sala de Aula: 07 - Multiuso

Cidade Universitária – Campo Grande S01 - Setor 01 01.15 - Bloco 15 **01.15.010**

Mesa 2.2

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

Cidade Universitária – Campo Grande S01 - Setor 01 01.13 - Bloco 13 **01.13.007**

Mesa 3.1

Local: Bloco 15, Sala de Aula: 07 - Multiuso

Cidade Universitária – Campo Grande S01 - Setor 01 01.15 - Bloco 15 **01.15.010** -

Mesa 3.2

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

Cidade Universitária – Campo Grande S01 - Setor 01 01.13 - Bloco 13 **01.13.007** -

Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

Mesa 4.1

Local: Bloco 13, Sala de Defesa

Cidade Universitária – Campo Grande S01 - Setor 01 01.13 - Bloco 13 **01.12.006**

Mesa 4.2

Local: Bloco 13, Sala de Defesa

Cidade Universitária – Campo Grande S01 - Setor 01 01.13 - Bloco 13 **01.12.006**

Mesa 5.1

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

Cidade Universitária – Campo Grande S01 - Setor 01 01.13 - Bloco 13 **01.13.007**

Mesa 5.2

Local: Bloco 13, Laboratório Informatizado de Ensino em Filosofia

Cidade Universitária – Campo Grande S01 - Setor 01 01.13 - Bloco 13 **01.13.007**

Mesa 6.1

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60413

Cidade Universitária – Campo Grande S01 - Setor 01 01.06 - Bloco 06 **01.06.003**

Mesa 6.2

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60413

Cidade Universitária – Campo Grande S01 - Setor 01 01.06 - Bloco 06 **01.06.003**

Mesa 7.1

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60405

Cidade Universitária – Campo Grande S01 - Setor 01 01.06 - Bloco 06 **01.06.008**

Mesa 7.2

Local: Bloco 6, Sala de Aula 60405

Cidade Universitária – Campo Grande S01 - Setor 01 01.06 - Bloco 06 **01.06.008**

Conferências e mesas

Local: **Auditório Marçal de Souza Tupã - Y**

Cidade Universitária – Campo Grande S01 - Setor 01 01.02 - Bloco 02 **01.02.701**

Mesa, terça, 14, às 19h30

Local: Casa Quintal Manoel de Barros

Endereço: Rua Piratininga, 363 - Jardim dos Estados, Campo Grande - MS, 79020-240

<https://www.instagram.com/casaquintalmanoeldebarros/>

Sessão Lançamento Livros GT Filosofia e Psicanálise, quarta, 15, às 19h30

Local: Estação Cultural Teatro do Mundo

Endereço: Rua Barão de Melgaço, 177 - Centro, Campo Grande - MS, 79002-090

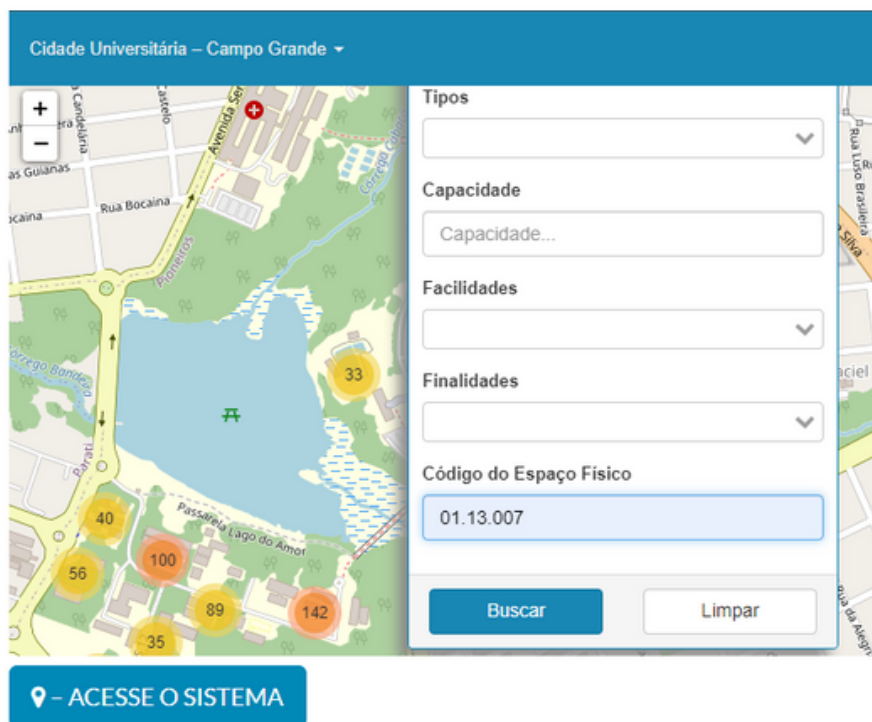
<https://www.instagram.com/estacaoculturalteatrodomundo/>

LOCALIZE-SE NO CAMPUS

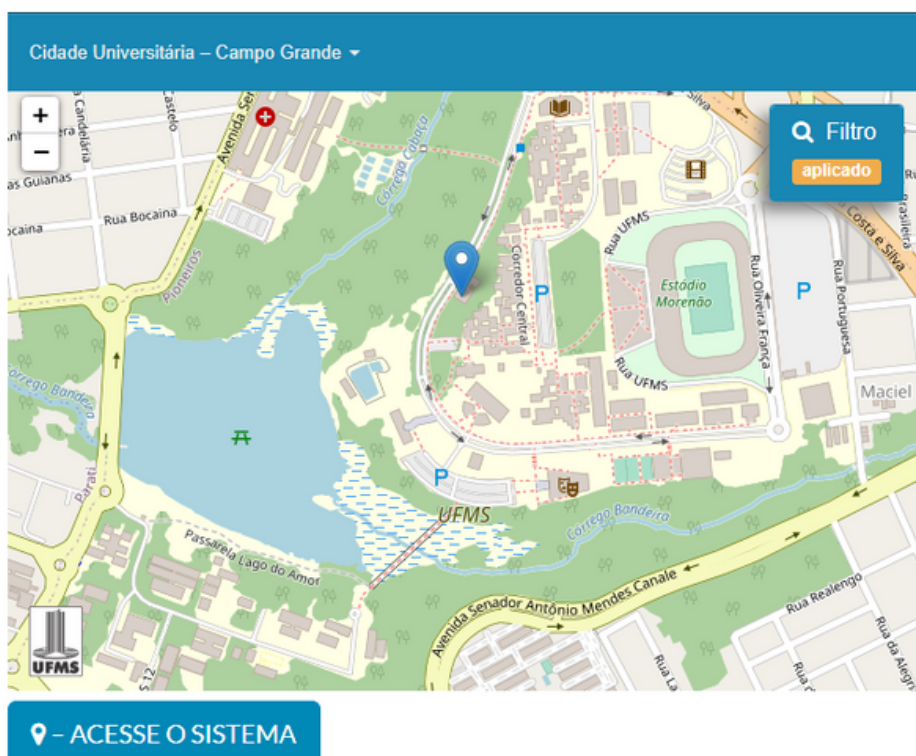
1. Acesse o site da UFMS: <https://www.ufms.br/universidade/localizacao/>
2. Abra o filtro no mapa e insira o código da localização (ver exemplo abaixo);

Localize-se dentro da UFMS

Quem entra pela primeira vez na UFMS certamente tem um grande desafio para se localizar. O mapa abaixo serve para auxiliar você a navegar pelo mundo UFMS:



3. Após filtrar, será possível verificar o local no mapa (ver exemplo abaixo).



Acesse o site e verifique a sua localização.



MAPA: CIDADE UNIVERSITÁRIA – CAMPO GRANDE



Acesse o site e verifique a sua localização.



Alimentação



RESTAURANTES

- Para quem estiver na região central da cidade, recomendamos as duas unidades do Sesc Sabor e Arte:

<https://sesc.ms/unidades/sesc-sabor-e-arte>

<https://www.instagram.com/sescsaborearte/>

Para quem estiver na UFMS, seguem as opções sugeridas:

Restaurante Universitário:

Serve almoço e janta, de segunda a sexta, respectivamente das 10:30 às 14 horas e das 17 às 20 horas. O cardápio não possui um modelo específico, mas é variado, dependendo do gosto de qualquer um, há pratos típicos, vegetarianos, entre outros. Valor para pessoas externas à UFMS, entre R\$ 15 e R\$ 15,70.

Restaurante Morena Grill

Fora da UFMS. Entre 5 e 10 minutos de Uber.

Prato-feito, R\$ 20

Self à vontade, R\$ 35

Self por Kg, R\$ 55,90

<https://www.instagram.com/morenagrillrestaurante/>

Villas Restaurante

Fora da UFMS. Entre 5 e 10 minutos de Uber. (Ao lado do Restaurante Morena Grill)

Prato-feito, R\$ 25

Self à vontade, R\$ 29,90

<https://www.instagram.com/villasrestaurantecg/>

Restaurante Na Moda da Casa

Fora da UFMS. Entre 5 e 10 minutos de Uber.

Self à vontade, R\$ 32,90

Self por Kg, R\$ 79,90

<https://www.instagram.com/namodadacasa/>

Restaurante Sabor em Ilhas

Fora da UFMS. Entre 5 e 10 minutos de Uber.

Self à vontade, R\$ 55,90 (executivo), R\$ 91,00 (tradicional), R\$ 116,00 (festival)

<https://www.instagram.com/saboremilhas/>

BARES

- Para conhecer a noite campograndense:

Maracutáia Bar (Este bar serve um bom almoço)

R. Sete de Setembro, 1971 - Jardim Aclimação
@barmaracutaia

Jeri Beach Bar

R. Cel. Cacildo Arantes, 562 - Chácara Cachoeira
@jeribeachbar

Kiwi Tropical

R. Abdul Kadri, 10 - Cidade Jardim
@kiwitropicaloficial

Capivas Cervejaria

R. Pedro Celestino, 1079 – Centro
@capivascervejaria

Café Mostarda Bar e Restaurante

Av. Afonso Pena, 3952 - Jardim dos Estados
@cafemostarda

Resenha Bar

Av. Afonso Pena, 4348 – Centro
@resenhacgbar

Old Sheep Steak Bar

Av. Min. João Arinos, 527 – Tiradentes
@oldsheep_steakbar

Blues Bar

Rua 15 de novembro, 1186 – Centro
@bluesbarms

Tatu Bola

Rua Espírito Santo, 851 – Jardim dos Estados
@tatubola.bar

Jardim Central

Rua Paraíba, 574 – Jardim dos Estados
@jardimcentralcg

CAFÉS

- Algumas indicações de Cafés em Campo Grande:

Doces Momentos

Rua Abrão Júlio Rahe, 795 – Centro
@docesmomentos

Pé de Vitamina

Rua Vitório Zeola, 810 – Carandá Bosque ou Rua 15 de Novembro 2621 – Jardim dos Estados
@pedevitamina

Mais 1 café

Rua Dr. Arthur Jorge, 799 – 01 – Centro
@mais1cafe.arthurjorge

Consagrados cafés especiais

Rua Euclides da Cunha, 119 – Centro
@consagrados.cafe

Café Beltrão

Rua Cassilândia, 34 – Monte Carlo
@cafebeltrao

Kanto de Minas

Rua Des. Eurindo Neves, 66 – São Francisco
@kantodeminas

Doce Grão

Av. Bom Pastor, 578 – Vilas Boas
@docegraooficial

Confeitaria Sweet

Rua Catumbi, 159 – Jardim Bela Vista
@confeitariasweet

Funky Fresh

Tv. Ana Vani, 51, Sala Comercial 1 – Centro
@funkyfreshbr

